

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
ÁREA DE CONHECIMENTO: FILOSOFIA E HISTÓRIA  
DA EDUCAÇÃO  
ALUNA: VANESSA GANDRA DUTRA MARTINS  
SUPERVISOR: PROFESSOR DOUTOR CÉSAR  
APARECIDO NUNES

*RELATÓRIO DE ATIVIDADES DE PÓS-  
DOUTORADO*

cool tit 875587

Novembro 2011

## SUMÁRIO

1.	Relatório de Atividades Complementares.....	02
2.	Resultado da Pesquisa.....	08
3.	Proposta de Conferência na Unicamp.....	19
4.	Documentos Comprobatórios.....	21
4.1.	Anexo 1. Projeto: Indústria Cultural, Semicultura, Impostura ética e Falseamento da pesquisa histórica: a Condessa de Barral nas biografias históricas.	
4.2.	Anexo 2. Estudos Literários IV	
4.3.	Anexo 3. Certificado de apresentação da comunicação: Diálogos entre História e Literatura: a escrita epistolar como recurso de construção do passado, no Simpósio de Estudos sobre ficção histórica: origem e desenvolvimento, no XII Congresso Internacional da ABRALIC.	
4.4.	Anexo 4. Comunicação de Aceite do artigo: Reflexão sobre a escrita epistolar como fonte histórica a partir da contribuição da literatura, da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e Das Missões.	
4.5.	Anexo 5. Declaração de participação no Projeto Portal Catarina Elaboração e continuidade do projeto Portal Catarina, Acervos Digitais, <a href="http://WWW.portalcatarina.ufsc.br">WWW.portalcatarina.ufsc.br</a> . Um dos projetos PRONEX, da UFSC, Programa Núcleos de Excelência, aprovado pelo CNPq e FAPESC, para ser executado nos anos 2012.2013 coordenado pelo Prof. Dr. Alckmar Luiz dos Santos; de participação do Grupo de História e Memória, nuLIME na digitalização, catalogação, organização e digitalização do acervo da intelectual catarinense Maura de Senna Pereira e participação em atividades referentes ou organizadas na UFSC pelo Instituto de Estudos de Gênero (IEG) e à linha de pesquisa Mulher e Literatura, da ANPOLL	

## 1. Relatório de atividades complementares

Venho por meio deste, apresentar e comprovar a produção acadêmica do período em que estive – 2010 – 2011- matriculada para a realização de pós-doutorado junto à área de conhecimento Filosofia e História da Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação, sob a supervisão do Professor Doutor César Aparecido Nunes.

Aprovada para o desenvolvimento do projeto intitulado *Indústria cultural, Semicultura, Impostura ética e Falseamento da pesquisa histórica: a Condessa de Barral nas biografias históricas*, propus-me a fazer uma crítica do livro *Condessa de barral : a paixão do imperador*, assinado por de Mary Del Priore, assumindo a posição de que a obra não promove uma reflexão crítica sobre diversas questões referentes à literatura, história, educação e sexualidade.

Dentre elas destaquei algumas como objetivos a serem discutidos como: a manipulação de imagens de obras de arte pela autora, enxertando-lhe cultura e moral típicos da cultura de massa; o uso da figura feminina de forma que ela surge como elemento secundário em relação à biografia masculina; a utilização da correspondência epistolar como fonte histórica fechada, sem relativização ou exame de suas contradições; o mau uso da biografia que aprisiona o biografado numa sequência lógica (?) de fatos lineares e romanceados; a exclusão de sutilezas contidas na correspondência entre D. Pedro II e Condessa de Barral, referentes à amizade, ao erotismo, ao amor, bem como os componentes pertencentes ao próprio discurso amoroso dos dois personagens.

Além disto, o livro acaba incorrendo em questões perigosas que remetem aos limites entre história e ficção, demonstrando que o acesso à História também não se democratizou, massificou-se para consumo rápido no mercado editorial e nos meios de comunicação de massa, transformando -se em propaganda e publicidade. Sob os efeitos da massificação da indústria e consumo culturais, obras biográficas romanceadas, como a de Mary Del Priore, correm o risco, conforme Chauí <sup>1</sup>, de perder três principais características, como: de expressivas, tornarem-se reprodutivas e repetitivas; de trabalho de criação, tornarem-se eventos para consumo e de experimentação do novo, tornarem-se consagração do consagrado pelo consumo.

Sendo assim, como foi criada pela indústria cultural para o “leitor médio”, aos quais são atribuídas certas “capacidades mentais”, certos conhecimentos “médios” e certos gostos “médios”, oferecendo-lhes produtos culturais “médios”. Para seduzir e agradar o leitor médio, devolve-lhe, com nova aparência, o que ele já sabe, já viu, já fez e com isso reproduz estereótipos, sem a menor preocupação de fazê-lo pensar, ter informações novas ou provocá-lo.

E evidentemente, este tipo de posição ideológica, também nos leva a uma discussão sobre a ética do historiador enquanto profissional e educador.

Primeiro, impossível deixar de lembrar o conceito de atitude crítica, proposto por Michel Foucault. Esta designa a resposta do pensamento às questões colocadas pela atualidade na época em que vive o pensador, razão pela qual ele não pode repetir soluções propostas em outras épocas, já que não se tratam das mesmas questões.

---

<sup>1</sup> CHAUI, Marilena. *Repressão sexual: Essa nossa (des) conhecida*. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 339.

A atitude crítica que Foucault <sup>2</sup> desenvolve na sua investigação, é inseparável da filosofia como atividade e prática. Designa o exercício contínuo de saída das filosofias do sujeito, da neutralidade da verdade, da legitimidade intrínseca do poder, do pensamento daquilo que antes se pensava, a fim de pensar diferentemente.

Desta maneira as minhas pesquisas durante o período seguiram três eixos: o *primeiro* refere-se à ética do historiador, sua postura política na interpretação dos fatos e fontes, os limites entre a ficção literária e a História e o seu uso como um valor mercadológico e entretenimento de massa.

*Segundo*, a ocorrência intencional da diluição do sujeito histórico que torna confuso os seus limites com o personagem ficcional. E a influência que as diversas vertentes da biografia histórica e suas implicações filosóficas exercem sobre a educação de massas atualmente.

E *terceiro*, a perpetuação de estereótipos e a banalização de questões que envolvem a sexualidade humana como: a utilização do “duplo nó” ou seja, a sedução ao leitor através do institucionalmente “proibido”; a paixão, o amor, o adultério, o erotismo, o papel da mulher e a manipulação de imagens.

Adequando as atividades complementares à realidade, a primeira produção que se construiu refere-se colaboração na elaboração do livro Estudos Literários IV, *Literatura e outras linguagens*, organizado pelas professoras doutoras Tânia Regina Oliveira Ramos e Gizelle Kaminski Corso, no tópico referente a formas de memória, no que se refere à teoria da correspondência. O livro foi publicado em Florianópolis, pela LLV/CCE/UFSC, no ano de 2011.

---

<sup>2</sup> CANDIOTTO, Cesar. Foucault: uma história crítica da verdade. In: *Trans/Form/Ação*, vol.29,nº. 2, Marília. 2006.

Em seguida direcionei minhas pesquisas para a construção de um texto e sua apresentação intitulados *Diálogos entre história e literatura: a escrita epistolar como recurso de construção do passado*, no Simpósio 17, intitulado – Estudos sobre Ficção Histórica: origem e desenvolvimento, no XII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada - ABRALIC - realizado em Curitiba, Paraná, de 18 a 22 de Julho de 2011.

Neste artigo preocupe-me em aprofundar um pouco mais a discussão polêmica das relações entre literatura e história, a questão da utilização de correspondências pessoais de personagens históricos, tanto por historiadores como por autores de ficção histórica. Foquei a correspondência como uma narrativa autoral, como espaço discursivo de sujeitos que fabricam um discurso ficcional sobre si e sua relação consigo mesmo, privilegiando mais as suas impressões do que as ações, mais as interferências de sua alma e de seu corpo do que os acontecimentos exteriores, no sentido Foucaultiano. Colocando-as como narrativas subjetivas, que não revelariam mais do que o exercício de se esboçar aos olhos de um outro sujeito, não o retrato fechado de uma essência. É sempre um olhar, uma impressão sobre si e sobre algo e não apenas e somente um documento que viria a fundamentar um suposto fato histórico ou preencher lacunas e fornecer um panorama histórico para alguns romances, biografias e romances históricos.

Acredito que a escrita epistolar, amplamente utilizada nos textos ficcionais e históricos deveria ser discutida sob as novas posturas epistemológicas e que a sua « verdade » possa ser relativizada e analisada, com o devido cuidado em seus diversos nuances, já que ela se constitui de importante recurso de construção do passado e presente no corpus de investigação de historiadores e ficcionistas, necessitando de um diálogo significativo que promova uma maior aproximação entre história e

literatura. Assim, neste trabalho objetivei discutir algumas possibilidades e limites de aproximação entre história e literatura, através da escrita epistolar, utilizando a correspondência entre Pedro II e a Condessa de Barral.

Em um outro momento publiquei o artigo intitulado *História e literatura: encontros e desencontros* na *Revista Língua & Literatura (ISSN1415-8817)* da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões em Agosto de 2011.

Neste artigo procurei promover uma discussão sobre algumas fronteiras existentes entre história e literatura, especificamente sobre a escrita epistolar utilizada como fonte documental pela historiografia, sua abordagem e a utilização que atualmente podem ser ampliadas sob a ótica das novas teorias literárias, enriquecendo significativamente a pesquisa histórica.

E então pude construir o artigo *Um olhar crítico sobre a figura da condessa de Barral na biografia histórica* e receber o aceite para publicação da *Poiethos - Revista de Filosofia e Educação do Grupo PAIDEIA da FE/UNICAMP* em novembro de 2011.

Como finalização das pesquisas e estudos, procurei, neste artigo, fazer uma leitura crítica, conforme proposto no projeto, da utilização da figura da condessa de Barral na biografia histórica e romanceada, intitulada *Condessa de Barral, a paixão do imperador*, assinada por Mary Del Priore e editada pela editora Objetiva, destacando as questões teóricas referentes às biografias, aos limites entre Literatura e História, à escrita epistolar como fonte histórica e à ética do historiador enquanto educador.

Durante o período de estudos também efetuei atividades complementares na Universidade Federal de Santa Catarina como:

- Elaboração e continuidade do projeto Portal Catarina, Acervos Digitais, [WWW.portalcatarina.ufsc.br](http://WWW.portalcatarina.ufsc.br). Um dos projetos PRONEX, da UFSC, Programa Núcleos de Excelência, aprovado pelo CNPq e FAPESC, para ser executado nos anos 2012.2013 coordenado pelo Prof. Dr. Alckmar Luiz dos Santos;
- Participação do Grupo de História e Memória, nuLIME na digitalização , catalogação, organização e digitalização do acervo intelectual catarinense Maura de Senna Pereira,
- Participação em atividades referentes ou organizadas na UFSC pelo Instituto de Estudos de Gênero (IEG) E À LINHA DE PESQUISA Mulher e Literatura, da ANPOLL.



## 2. Resultado da Pesquisa

Um olhar crítico sobre a figura da condessa de Barral na biografia histórica

Vanessa Gandra Dutra Martins

### Resumo

Este artigo procura fazer uma leitura crítica da utilização da figura da condessa de Barral na biografia histórica e romanceada, intitulada *Condessa de Barral, a paixão do imperador*, assinada por Mary Del Priore e editada pela editora Objetiva, destacando as questões teóricas referentes às biografias, aos limites entre Literatura e História, à escrita epistolar como fonte histórica e à ética do historiador enquanto educador.

Palavras - chave: Biografias; Ética; Educação

Na esteira da moda da popularização da história explorada pelo mercado editorial brasileiro nos últimos anos, o livro *Condessa de Barral: a paixão do imperador*, de Mary Del Priore<sup>3</sup> pode ser classificado como uma biografia histórica de Luísa Margarida Portugal de Barros, condessa de Barral e da Pedra Branca, mulher que manteve uma extensa amizade e uma intensa correspondência com D. Pedro II nos últimos quarenta anos do século XIX. Especulada à exaustão por historiadores e jornalistas dos séculos passados, o relacionamento entre condessa e imperador sempre dividiu as opiniões<sup>4</sup>, de um lado classificado como um amor platônico e de outro como

---

<sup>3</sup> DEL PRIORE, Mary. *Condessa de Barral: a paixão do Imperador*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

<sup>4</sup> Ver: BARRAL, Condessa de. *Cartas à suas majestades – 1859-1890*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1977. CARVALHO, Áurea. *A condessa de Barral*. [on line] Disponível na Internet via www. URL: <http://correiodabahia.com.br>. 2004. Arquivo capturado em outubro de 2004. CORREIO DA BAHIA. *Herança Filantrópica*. [on line] Disponível na internet via www. URL: <http://www.correiodabahia.com.br>. 2002. Arquivo capturado em outubro de 2004. CORREIO DA BAHIA. *Capitu do segundo reinado*. [on line] Disponível na internet via www. URL: <http://www.correiodabahia.com.br>. 2002. Arquivo capturado em setembro de 2004. CORREIO DA BAHIA. *Paixão outoníca*. [on line] Disponível na internet via www. URL: [www.correiodabahia.com.br](http://www.correiodabahia.com.br). 2002. Arquivo capturado em setembro de 2004. CORREIO DA BAHIA. *Salões parisienses*. [on line] Disponível na internet via www. URL: <http://www.correiodabahia.com.br>. 2002. Arquivo capturado em setembro de 2004.

um romance extraconjugal, tendo como única fonte de pesquisa a extensa correspondência entre os dois, incompleta por ter tido uma parte queimada pelo imperador, e ainda causadora de opiniões antagônicas entre si.

O livro *condessa de Barral: a paixão do imperador* insere-se, obviamente, a começar pelo título, entre os historiadores (Mary Del Priore, mesmo se dizendo uma apaixonada pela ficção literária é uma conceituada historiadora e pesquisadora brasileira) que defendem a tese do romance extraconjugal.

Imbuída pela convicção, a historiadora/romancista procura apresentar ao leitor a mulher capaz de despertar e manter a paixão de Pedro II por quarenta anos. Em nenhum momento o livro levanta alguma dúvida sobre a hipótese ou tenta levar o leitor a um questionamento ou leitura crítica sobre a polêmica, portanto não existe a intenção de fazer uma problematização nova ou diferente sobre o tema ou sobre a figura da condessa de Barral.

Desse modo o gênero biográfico é perfeito para que historiadores possam criar livremente, longe dos entraves documentais e distanciar-se dos rigores do método historiográfico, como nos lembrou Giovanni Levi (1989, p. 82), mas não para livrá-los dos problemas comuns ao gênero.

Se há mais de vinte anos atrás Giovanni Levi (*Ibid*, p. 82) apontou a existência de obstáculos documentais, muitas vezes intransponíveis para o historiador/biógrafo, como os atos e os pensamentos da vida cotidiana de seu personagem, as dúvidas e incertezas, o caráter fragmentário da identidade e dos momentos contraditórios na constituição do

---

MAGALHÃES JR. Raimundo. *D. Pedro II e a condessa de Barral*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956, 436p.

PINHO. Wanderley. *Salões e damas do segundo reinado*. São Paulo: Livraria Martins - Editora, 1942.

personagem biografado, no livro *Condessa de Barral, a paixão do imperador*, a ausência dos mesmos se tornam muito evidentes e mostram que Levi continua muito atual em suas considerações.

Utilizando-se da noção sartriana de “projeto original” das biografias comuns, a autora organiza a vida da condessa de Barral como uma história que transcorre segundo uma ordem cronológica, que segundo Bourdieu (1989, p. 90), é também lógica, pois possui uma origem, um ponto de partida, uma razão de ser, até o seu término, que também é um objetivo.

No caso da biografia da Condessa de Barral, a meu ver, o motor é a paixão que ela supostamente despertou e conseqüentemente a busca da autora pela “essência” desta mulher “incomum” que teria sido capaz de levar o imperador a viver um relacionamento extraconjugal até a morte da biografada.

Para reforçar o que Bourdieu (*Ibid.*, p. 90) chamou de “ilusão retórica” e empregar significado a sua tese, a autora busca relações e coerências da vida da condessa com a vida do imperador na infância dos dois. Desse modo, relações entre a vida dos dois personagens históricos são buscadas com muita veemência e questionável relevância. Seguindo este viés, para a autora a condessa de Barral já entrava, sem saber na vida de D. Pedro II através dos brinquedos que seu pai, Domingos de Barros, diplomata, enviava de Paris para os príncipes no Brasil. Portanto os dois teriam muito o que recordar anos mais tarde. Assim ela coloca de modo explícito o que está implícito nos “já”, “desde pequeno” buscando por uma explicação, um sentido, uma origem coerente e unitária. E desse modo, sua biografia romanceada, conforme Bourdieu (1989, p. 80):

distancia-se completamente do romance moderno onde o real é descontínuo, formado de elementos justapostos sem razão, todos eles únicos e difíceis de serem

apreendidos porque surgem de modo incessantemente imprevisto, fora de propósito, aleatório.

Ao utilizar o contexto histórico para caracterizar a atmosfera e explicar algumas singularidades da trajetória de vida da condessa de Barral, a autora exagera na grande quantidade de descrições sobre a maneira como eram efetuados os partos das mulheres no Brasil Colonial e provavelmente, por falta de fontes sobre a protagonista, busca na biografia de seu pai, Domingos Borges de Barros uma analogia que se revela tão exaustiva como a narrativa romanceada dos partos.

Excetuando a utilização do contexto histórico, que recebe grandes descrições por parte da autora e a tentativa de expandir o universo da condessa de Barral através da narrativa de vidas como a do pai, dos irmãos e do próprio paralelo com Pedro II, a sensação maior que se tem ao chegar na metade do livro é que a única fonte histórica que dispõe a autora é mesmo parte da correspondência escrita entre ela e Pedro II. Mas a maneira como as cartas são utilizadas pela autora, a meu ver, é, sem dúvida, um dos pontos mais controversos da biografia.

Essas cartas constituem-se em textos de gênero híbrido, como lembrou Gotlib (2003, p. 93) ao falar da escrita feminina, que costuma ser, com frequência um gênero dificilmente classificável: artigos-crônicas-diários-depoimentos-testemunhos-notas de leitura de arte-literatura, cultura geral, entre outros. Pouco dela foi aproveitado na biografia da condessa de Barral, a não ser o que poderia dar margem à interpretação do suposto romance entre os dois e em nenhum momento a escrita da condessa foi olhada como manifestação de refúgio dela própria para o seu mundo interior. Aquele mundo citado por Moreira Leite (1979, p. 28), onde nos refugiamos, às vezes para fugir da imagem que os outros formaram de nós; outras vezes para procurarmos o príncipe

encantado, capaz de nos redimir aos nossos olhos; ou então, para explicarmos a vida através de nós mesmos, como se pudéssemos dominar a nossa incoerência e os absurdos do mundo externo.

Se as cartas pessoais eram interpretadas como documentos « fechados » pela historiografia anterior à mudança de paradigmas, atualmente é possível vislumbrar o que elas contêm. Se em muitos casos a carta pode fornecer algumas informações que faltavam na tessitura do passado, em outros, ela não teria o poder de revelar 'verdades ocultas' por trás do véu das aparências por pertencer ao campo do imaginário, do discurso, da subjetividade. Se é fonte, é também um artefato literário e pode receber grande contribuição da literatura quando utilizada na reconstrução do passado por historiadores.

A carta é como uma exposição mútua através do ato de escrever, onde é possível fazer aparecer o seu próprio rosto perto do outro, como aponta Foucault, e de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dito sobre si mesmo. É também uma narrativa de si e narrativa da relação consigo mesmo. Nela é possível destacar, segundo Foucault (1983, p. 145), alguns elementos estratégicos: as interferências da alma e do corpo (as impressões mais do que as ações), as atividades do lazer (mais do que os acontecimentos exteriores), o corpo e os dias.

As notícias da saúde fazem tradicionalmente parte da correspondência e ao poucos adquirem a dimensão de uma descrição detalhada das sensações corpóreas, das impressões de mal - estar, das diversas perturbações que se experimentou. Outras vezes se trata de relembrar os efeitos do corpo sobre a alma. A ação exercida pela alma em retorno, ou a cura do corpo pelos cuidados prestados à alma.

A carta é também uma maneira de se apresentar ao correspondente no decorrer da sua vida cotidiana. Relatar o seu dia e não por causa da importância dos acontecimentos, mas justamente na medida em que eles nada têm para deixar de ser igual a todos os outros, atestando assim, a qualidade de um modo de ser. É como “viver sob o olhar de outrem sem nada ter a esconder”. Quando a carta faz a narrativa de um dia vulgar, nela evoca o muito útil hábito de “passar em revista o seu dia”, é o exame de consciência aos moldes dos pitagóricos, epicuristas e estoicos. Um exercício mental de memorização com o objetivo de se constituir como inspetor de si mesmo e avaliar as faltas comuns e reativar as regras de comportamento que é preciso ter sempre no espírito. Todo o conjunto de sutis informações sobre o corpo, a saúde, as sensações físicas, o regime e os sentimentos mostram a extrema acuidade de uma atenção vivamente concentrada em si próprio.

A carta, não raramente, pode ser enviada para auxiliar o seu correspondente para aconselhá-lo, exortá-lo, admoestá-lo, consolá-lo. O exercício de escrita desse tipo de texto constitui também uma maneira de se treinar: tal como os soldados se exercitam no manejo das armas em tempo de paz, também os conselhos que são dados aos outros na medida da urgência da sua situação constituiriam uma maneira de se preparar a si próprio para eventualidade semelhante.

Enfim, através da correspondência o indivíduo acaba por criar também uma literatura de si, e essa literatura é tão transgressiva como aquela que objetiva transpor os limites da linguagem, pois se trata de reinventar a si mesmo e de transpor o limite do que somos.

Dessa forma, ao tentar construir um texto que esboce a si mesmo, relate os aspectos escolhidos de seu cotidiano, expresse impressões sobre a alma, o corpo, o lazer, demonstre um “eu como tarefa a ser realizada” (pois não se trata de um

personagem pronto, mas em permanente construção), o indivíduo cria, do ponto de vista estético, um eu “versátil” que se constitui como ficção.

Assim, a partir do momento que o historiador faz uma pergunta para a ‘fonte’ carta, estabelece-se um diálogo no jogo transdisciplinar e interdiscursivo das formas de conhecimento sobre o mundo, no caso, história e literatura. Mas não se pode esquecer que os discursos literário e histórico são formas diferentes de dizer o real. Ambos são representações construídas sobre o mundo e que traduzem, ambos, sentidos e significados inscritos no tempo. Entretanto, as narrativas histórica e a literária guardam com a realidade distintos níveis de aproximação

Quando a literatura pode ser utilizada como fonte histórica, o texto literário atinge a dimensão da “verdade do simbólico”, que se expressa de forma cifrada e, oferecendo ao historiador acesso especial ao imaginário, permitindo-lhe enxergar traços e pistas que outras fontes não lhe dariam. Isto implicaria não mais buscar o fato em si, o documento entendido na sua dimensão tradicional, na sua concretude de “real acontecido”, mas de resgatar possibilidades verossímeis que expressam como as pessoas agiam, pensavam, o que temiam, o que desejavam. O texto literário revela e insinua as verdades da representação ou do simbólico através de fatos criados pela ficção.

No caso da carta é importante relativizar, pois sua postura de texto literário, de criação e narração de si, de imaginário, também configura uma expressão ou sintoma de pensar e agir. Conforme Pesavento (2006, p. 8), *os tais fatos narrados não se apresentam como dados acontecidos, mas como possibilidades, como posturas de comportamento e sensibilidade, dotadas de credibilidade e significância. Aí forma-se um delicado espaço subjetivo saturado de sexualidade e ambiguidades que necessitaria*

de maior esmero metodológico em sua análise e não a sua utilização simplista para fins mercadológicos.

Não há nada de novo encontrado pela autora na correspondência entre Barral e Pedro II, além das cartas já divulgadas, ao contrário do que apregoa a publicidade em torno do livro. Há sim, no final, o ato que Gotlib (2003, p. 94) classificou como a “marcha na contramão” quando se investe contra o veto imposto ao documento (seja pela ordem pública ou privada). No caso sabemos, ao ler a correspondência, que havia um acordo entre condessa e imperador em queimar parte da correspondência, portanto a marcha é contra o veto dos próprios personagens. Nesses casos, faço minhas as palavras de Gotlib (Ibid., p. 94):

Nos casos em que se investe contra o veto, (nesse caso, especificamente) marcha-se na contramão. O objeto é assim levado para um território de indagações imprevisto, em direção ao seu negativo, ou avesso, de onde ressurgem, revelado, contrariando e complementando uma primeira oficializada versão de sua história.

Daí a sensação de *deja vu* que o livro proporciona.

O exercício de decifração dos códigos contidos nas mensagens das fotografias e pinturas da Condessa de Barral, feito pela autora é ora simplista e ora manipulador. Abusando dos adjetivos ao descrever as fotografias da condessa de Barral introduz continuamente uma forte conotação de valores e razões (muito particulares) elaborados unicamente para emprestar veracidade a sua tese. Como se pode ver, as legendas das imagens escolhidas pela autora como : *A sedutora que nada podia deter ; dona de um meio sorriso e um ar doce que não excluía a obstinada força de vontade ; expressivos olhos de veludo ; a fadinha ; sorriso enigmático de Gioconda ; a camaleoa*, constituem uma mensagem parasita, destinada a conotar a imagem e insuflar um ou vários



significados. É, segundo, Barthes (2007, p. 333/334) a palavra que vem sublimar, patetizar ou racionalizar a imagem ; mas como essa operação se faz a título acessório, esse conjunto informativo parece principalmente fundado sobre uma mensagem objetiva (denotada) da qual a palavra não passa de uma espécie de vibração segunda, quase inconsequente, mas na realidade o texto torna pesada a imagem, enxerta-lhe de uma cultura, moral e imaginação, no caso, totalmente desnecessário e tendencioso. Talvez por não alcançar a mínima proximidade entre discurso e imagem, a mensagem verbal da autora não parece participar da objetividade das imagens por ela escolhidas.

O livro suscita também a questão da ética não apenas referente ao historiador, mas do pesquisador e do educador. Pesquisar, segundo Nosella (2008, p.255) é descobrir novos conhecimentos que possibilitem a solução de novos problemas (...) já que a cada momento histórico o ser humano se propõe novos problemas. Existindo as condições técnicas para a sua solução, a possibilidade de resolvê-los torna-se uma opção, um dever, isto é, uma questão ética.

A autora, ao assumir-se como historiadora afastou-se consideravelmente do preceito ético da pesquisa histórico-biográfica sobre a condessa de Barral quando não propôs novas problematizações sobre o personagem. No « corpus » da historiografia atual não há mais espaço para construções romantizadas, heroicizadas de figuras femininas, muito menos para tentativas de redução desses sujeitos ou de torna-los sujeitos a uma figura masculina. Seria interessante se a Condessa de Barral fosse mostrada como uma mulher de seu tempo com as ferramentas teóricas que já dispomos atualmente e com as abordagens sobre sexualidade, gênero, fontes históricas devidamente atualizadas.

Conforme Nosella (2008, p.265) o limite ético da pesquisa é traçado pela dialética entre consciência individual, sociedade civil e sociedade legitimamente empossada. Porém, a consciência do pesquisador é a última instância de decisão. Lamenta-se que a mercantilização da história por algumas editoras encontre historiadores dispostos a aceitar as regras de mercado reproduzindo velhas e estereotipadas histórias em detrimento de sua responsabilidade social, profissional e política.

Obras que não educam ninguém, mas « amestram », nas palavras de Jacques Derrida,(2006, p.604) não acrescentam, não ajudam a formar um pensamento crítico, não despertam reflexão, já que os objetivos estão postos e estes não podem ser tematizados quanto aos seus fundamentos.

Em relação à questão ética do educador, Paulo Freire (1996) nos lembra que os educadores (e a autora ao se apresentar como historiadora não se exime disso) deviam assumir uma “ética universal do ser humano” inseparável da sua prática educativa. Dentro dela, conforme Padrós, (2004, p. 219) há lugar para condenar o discurso neoliberal, a exploração do trabalho humano, o falseamento da verdade e todo tipo de discriminação. Freire, (*Ibid*), com isso, não estava priorizando a função social do conhecimento em detrimento da função teórica. Ao definir o que considera ético no trabalho do educador, lembra que o problema não consiste no fato de o professor posicionar-se ou assumir seu ponto de vista. O problema está em absolutizar o seu ponto de vista, ou seja, em desconhecer que a razão ética pode não estar com ele. (Padrós, 2004, p. 219)

E a autora o faz quando nega a ambiguidade existente na correspondência entre a Condessa e o Imperador, que mescla sentimentos visíveis de amizade, erotismo e amor.

Elementos que trazidos à tona não poderiam deixar de ser inseridos no quadro de suas significações históricas e culturais, como produtos sociais e discursivos que são.

Além disso, a omissão de tantas outras concepções históricas sobre o tema também nos leva ao alerta de Freire, que considera prejudicial qualquer declaração de (pretensa) neutralidade, o que não significa, porém, abandonar uma preocupação rigorosamente ética. Para ele a ética do educador não pode omitir nem mentir a respeito de outros pressupostos que discordem dos próprios. Segundo Padrós (2004, p. 219): Fiscalizar para evitar que o utilitarismo da história coloque em xeque a validação do seu conhecimento específico e da sua legitimidade teórica é, portanto, uma tarefa fundamental do historiador.

A ética na ciência histórica passa pelo ater-se à ciência, à verdade e ao conhecimento científico. Logo, a honestidade intelectual do historiador passa pelo não ocultamento de outras matrizes explicativas que não sejam as suas e pela explicitação dos limites e dificuldades do seu trabalho assim como das suas perspectivas teórico-metodológicas.

## Referências Bibliográficas

- BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARRAL, Condessa de. *Cartas à suas majestades – 1859-1890*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1977.
- CARVALHO, Áurea. *A condessa de Barral*. [on line] Disponível na Internet via www. URL: <http://correiodabahia.com.br>. 2004. Arquivo capturado em outubro de 2004.
- CORREIO DA BAHIA. *Herança Filantrópica*. [on line] Disponível na internet via www. Url: <http://www.correiodabahia.com.br>. 2002. Arquivo capturado em outubro de 2004.
- CORREIO DA BAHIA. *Capitu do segundo reinado*. [on line] Disponível na internet via www. Url: <http://www.correiodabahia.com.br>. 2002. Arquivo capturado em setembro de 2004.
- CORREIO DA BAHIA. *Paixão outoniça*. [on line] Disponível na internet via www. Url: [www.correiodabahia.com.br](http://www.correiodabahia.com.br). 2002. Arquivo capturado em setembro de 2004.
- CORREIO DA BAHIA. *Salões parisienses*. [on line] Disponível na internet via www. Url: <http://www.correiodabahia.com.br>. 2002. Arquivo capturado em setembro de 2004.
- BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. (org.) *Usos e abusos da História oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- DEL PRIORE, Mary. *Condessa de Barral: a paixão do Imperador*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos*. São Paulo: Forense Universitária, 1983
- GOERGEN, Pedro. *Questões Im-pertinentes para a Filosofia da Educação*. *Educação e Pesquisa*, vol. 32, nº3, São Paulo, Set/Dez., 2006.
- GOTLIB, Nádya Batella. Na contramão da história biográfica .In: MOREIRA, Maria Eunice. *Histórias da literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.
- LEITE, Dante Moreira. *O amor romântico e outros temas*. São Paulo: Ed. Nacional: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. (org.) *Usos e abusos da História oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- MAGALHÃES JR. Raimundo. *D. Pedro II e a condessa de Barral*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1956.

NOSELLA, Paolo. *Ética e Pesquisa. Educação e Sociedade*, vol. 29, nº 102, Campinas, Jan/Abr., 2008.

PADRÓS, Enrique Serra. Os desafios na produção do conhecimento histórico sob a perspectiva do Tempo Presente. In: *Anos 90*, Porto Alegre, v. 11, n. 19/20, p.199-223, jan./dez. 2004, p. 219.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & literatura: uma velha-nova história. Nuevos Mundos, Mundos Nuevos. Debates*, 2006. Disponível em : [HTTP://nuevosmundo.revues.org/1560](http://nuevosmundo.revues.org/1560). Acesso em 10 de maio de 2011.

PINHO, Wanderley. *Salões e damas do segundo reinado*. São Paulo: Livraria Martins - Editora, 1942.

### 3. Proposta de Conferência Final

Proponho a apresentação dos meus estudos e pesquisas, através de uma conferência, intitulada *Um olhar crítico sobre a figura da condessa de Barral na biografia histórica* para o grupo PAIDEIA, a ser realizada na primeira semana de Março de 2012, na Universidade Estadual de Campinas.

Atenciosamente,

*Vanessa Gandra Dutra Martins*

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Vanessa Gandra Dutra Martins

---

Professor Dr. César Aparecido Nunes

#### 4. Documentos Comprobatórios

- a. Anexo 1. Projeto: Indústria Cultural, Semicultura, Impostura ética e Falseamento da pesquisa histórica: a Condessa de Barral nas biografias históricas.
- b. Anexo 2. Estudos Literários IV
- c. Anexo 3. Certificado de apresentação da comunicação: Diálogos entre História e Literatura: a escrita epistolar como recurso de construção do passado, no Simpósio de Estudos sobre ficção histórica: origem e desenvolvimento, no XII Congresso Internacional da ABRALIC.
- d. Anexo 4. Comunicação de Aceite do artigo: Reflexão sobre a escrita epistolar como fonte histórica a partir da contribuição da literatura, da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e Das Missões.
- e. Anexo 5. Declaração de participação no Projeto Portal Catarina Elaboração e continuidade do projeto Portal Catarina, Acervos Digitais, [WWW.portalcatarina.ufsc.br](http://WWW.portalcatarina.ufsc.br). Um dos projetos PRONEX, da UFSC, Programa Núcleos de Excelência, aprovado pelo CNPq e FAPESC, para ser executado nos anos 2012.2013 coordenado pelo Prof. Dr. Alckmar Luiz dos Santos; de participação do Grupo de História e Memória, nuLIME na digitalização, catalogação, organização e digitalização do acervo da intelectual catarinense Maura de Senna Pereira e participação em atividades referentes ou organizadas na UFSC pelo Instituto de Estudos de Gênero (IEG) e à linha de pesquisa Mulher e Literatura, da ANPOLL.

ANEXO 1: Projeto: Indústria Cultural, Semicultura, Impostura ética e Falseamento da pesquisa histórica: a Condessa de Barral nas biografias históricas



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
PROFESSOR ORIENTADOR: Dr. CÉSAR APARECIDO NUNES

**INDÚSTRIA CULTURAL, SEMICULTURA, IMPOSTURA ÉTICA E  
FALSEAMENTO DA PESQUISA HISTÓRICA: A CONDESSA DE  
BARRAL NAS BIOGRAFIAS HISTÓRICAS**

**Vanessa Gandra Dutra Martins**  
*Projeto para seleção de Pós- doutorado em  
Educação, no eixo de pesquisa em Ética,  
Política e Educação.*

**INDÚSTRIA CULTURAL, SEMICULTURA, IMPOSTURA ÉTICA E  
FALSEAMENTO DA PESQUISA HISTÓRICA: A CONDESSA DE  
BARRAL NAS BIOGRAFIAS HISTÓRICAS**

**Vanessa Gandra Dutra Martins**  
Projeto para seleção de Pós- doutorado em  
Educação, no eixo de pesquisa em Ética,  
Política e Educação

## SUMÁRIO

1. Introdução
2. Justificativa
3. Referencial Teórico-Metodológico
  - 3.1. Sexualidade
  - 3.2. Amor romântico
  - 3.3. Erotismo
  - 3.4. A relação entre texto e imagem
    - 3.4. A mulher e as biografias
  - 3.5. O duplo nó
  - 3.6. A correspondência epistolar
  - 3.8. O romance moderno
  - 3.9. A amizade
  - 3.8. O discurso amoroso
  - 3.10. História e ficção
  - 3.11. Ética do historiador
4. Referências Bibliográficas e Fontes a serem pesquisadas
5. Resultados Esperados

## 1. INTRODUÇÃO

D. Pedro II e a condessa de Barral – a brasileira Luísa Margarida Portugal de Barros - foram protagonistas de uma sólida e polêmica amizade ou romance que se estendeu por quarenta longos anos. Vinte deles dedicados à uma correspondência (1869 a 1891)<sup>1</sup> e rendeu quatro mil laudas, em vinte e nove cadernetas, com textos escritos em português e francês. A condessa de Barral em Paris e D. Pedro II no Brasil. Ambos casados conheceram-se quando a condessa se tornou dama de companhia da princesa D. Francisca, irmã do Imperador, em 1843, na França.

As poucas menções feitas à condessa de Barral, sejam elas históricas, jornalísticas ou biográficas, estão sempre associadas ao relacionamento que teve com D. Pedro II. E sua figura é, até a atualidade, cercada por insinuações irônicas, de forte conotação sexual, que também costumam ser justificadas por suas características pessoais bastante incomuns à grande parte das mulheres da era vitoriana.

---

<sup>1</sup> Há uma enorme divergência de autores quanto às datas de início e término da correspondência. Nádia Batela Gotlib afirma que a correspondência iniciou em 1869 e terminou em 1885.

Ver: GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nádia Batela. (org.) *Prezado senhor, Prezada senhora*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2000.

Raimundo Magalhães Júnior, atribui o início ao ano de 1865 e o fim em 1891. Ver: MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. *D. Pedro II e a Condessa de Barral através da correspondência íntima do imperador, anotada e comentada*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S/A, 1956.

O livro publicado pelo Arquivo Nacional em 1977 apresenta a correspondência com início em 1859 e o fim em 1890. Ver: DE BARRAL, Condessa. *Cartas a Suas Majestades, 1859-1890*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1977. E o Museu Imperial de Petrópolis, Rio de Janeiro, afirma ter nomeado de Coleção Barral –Monteferrat, a correspondência nos anos de 1865 a 1881.

Enquanto as mulheres de sua classe social não costumavam se ocupar com determinados assuntos, considerados como tarefas de homens, a condessa de Barral administrativa pessoalmente suas fazendas na Bahia, mantinha diversas amizades com figuras masculinas, executava projetos sociais que beneficiavam crianças, escravos e os empregados de suas fazendas e cumpria, por determinado tempo, trabalho assalariado em duas cortes: a brasileira e a francesa. Fora isso, possuía uma atuação política intencional, clara e firme e cuidava pessoalmente da educação e saúde do único filho Dominique e encontrava disponibilidade para aperfeiçoar os estudos em diversos idiomas, além de se interessar por incontáveis culturas e pela prática de esportes como a natação e a equitação e se encarregar de angariar patrocínio para a carreira de músicos como Carlos Gomes.

Algumas das poucas construções biográficas existem sobre a condessa de Barral se encontram no arquivo do *site* do Correio da Bahia<sup>2</sup>, em uma parte reservada para a memória histórica que procura resgatar, através de diversos artigos, a trajetória dos personagens históricos baianos. A condessa de Barral é um desses personagens. Intitulado *Capitu do segundo reinado*, o primeiro artigo procura abordar a dúvida dos historiadores em relação à amizade da condessa com o imperador. As questões restringem-se a possibilidade de adultério: traiu ou não traiu o conde de Barral, como Capitu teria traído Bentinho, no romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis? E a “pobre” imperatriz, como reagia ao fascínio exercido pela condessa sobre o marido dela?

---

<sup>2</sup> CORREIO DA BAHIA. *Capitu do segundo reinado*. Disponível na internet via [www.correiodabahia.com.br/2002/01/26noticia.asp?link=not000045056.xm](http://www.correiodabahia.com.br/2002/01/26noticia.asp?link=not000045056.xm). Arquivo capturado em setembro de 2004

São, então, apresentadas as opiniões divididas: Dinah Silveira de Queiroz<sup>3</sup> defende uma “amizade amorosa, muito em voga naquela época de tanto escrever cartas” e Raimundo Magalhães Jr.<sup>4</sup> tem a convicção de que “houve um amor real e uma união em longo período de adultério”. Neste triângulo, a imperatriz Tereza Cristina é vista por Wanderley Pinho como:

*alguém que não sofreu inteiramente quieta o ascendente que na família imperial veio exercer a fidalga baiana. Naquela aíma triste e recolhida em si mesma, como se fora uma exilada e distante da vida – existência que se entristecia de renúncias, naquele coração que a bondade indulgente abafava toda reação, não medrou viroso o ciúme de senhora, esposa e mãe. Coitadinha da imperatriz, esmaecida por fora e murcha por dentro.*<sup>5</sup>

Enquanto construção de uma vilã, que “perturbou” a ordem da família imperial, as narrativas sobre a condessa ampliam os seus poderes, através da sexualidade, e passam a sugerir uma certa “perturbação” da ordem política brasileira. Segundo Raimundo Magalhães Jr., as crônicas da época afirmavam que a condessa tinha mais poder do que os próprios partidos políticos (liberal e conservador), chegando, por vezes, a decidir a escolha dos senadores. “Ela fazia escolhas de caráter pessoal, ora entre os conservadores, ora entre os liberais, não pertencendo a qualquer dos dois partidos, mas tinha o seu formado por legionários e legionárias de ambos aqueles,” informa Wanderley Pinho<sup>6</sup>.

---

<sup>3</sup> CORREIO DA BAHIA. *Capitu do segundo reinado*. Disponível na internet via [www.correiodabahia.com.br/2002/01/26noticia.asp?link=not000045056.xml](http://www.correiodabahia.com.br/2002/01/26noticia.asp?link=not000045056.xml). Arquivo capturado em setembro de 2004..

<sup>4</sup> *Ibid.*

<sup>5</sup> *Ibid.*

<sup>6</sup> *Ibid.*

No segundo artigo do Correio da Bahia, intitulado *Herança filantrópica*<sup>7</sup>, é perceptível a tentativa do jornal no sentido de fazer uma abordagem do aspecto humanitário/caridoso da condessa. Com o objetivo de resgatar a história da Casa da Providência, fundada em 1854, para atender crianças e idosos carentes, surge a figura da condessa como tesoureira e encarregada de obter donativos, no Brasil e exterior para a associação que tinha como protetores oficiais a imperatriz Tereza Cristina e o imperador Pedro II. O jornal compara a condessa a uma irmã Dulce do período imperial e tenta defender a idéia entrevistando uma freira, misto de assistente social e administradora da Associação sobre a sua fundação. Segundo a freira: “Ao ouvir os primeiros rumores da abolição da escravatura, a condessa de Barral ficou preocupada com a sorte dos escravos, principalmente das crianças e dos idosos e resolveu criar a Associação das Senhoras de Caridade, nos moldes da existente na França.”

Ao ser questionada sobre o romance da condessa e o imperador, a freira desconversa: “Não acredito porque não tem nada escrito”. E o jornal conclui: “Misto de irmã Dulce e madame Sèvigné – cortesã e escritora francesa do século XVII, que deslumbrou o jovem Luís XIV com suas cartas de amor escritas para um oficial – a condessa de Barral foi mais do que uma sinhazinha, foi uma baiana arretada”.

Um outro artigo do mesmo jornal, *Salões parisienses*<sup>8</sup>, procura resgatar a projeção internacional da condessa demonstrando, de forma não menos conservadora e partidária de uma concepção positivista da história, a condessa como heroína ilustre e romântica. A mesma concepção é perceptível no artigo *La contesse de Barral et de Pedra Branca*, de autoria do cavaleiro de Saint- Georges:

---

<sup>7</sup> CORREIO DA BAHIA. *Herança filantrópica*. Op. Cit.

<sup>8</sup> CORREIO DA BAHIA. *Salões parisienses*. Op. Cit.

*Certa vez, ela estava em seu engenho, na Bahia, quando recebeu a notícia de que o pai estava mal. Era inverno. O percurso até a fazenda do pai demorava de 12 a 15 horas, por estradas lamacentas. Boa amazona, Luísa Margarida monta um cavalo e parte acompanhada por um escravo. Não podia perder o vapor de Santo Amaro, se não teria que esperar dias para a próxima viagem. A chuva cai por todo o trajeto. Os rios estão cheios. As águas levam a ponte sobre a qual se teria que passar. Nossa heroína (que me perdoe o termo, que eu creio aplica-se bem à circunstância), lembrou-se que era uma boa nadadora: “Os cavalos poderiam atravessar a nado?”, pergunta ao velho negro que a acompanha. “Sim, iaiá, mas sem montaria. “E você, pode atravessar nadando e retomá-lo na outra margem? - Sim, iaiá! – “Pois, então, vamos lá.” – E tirando a saia de amazonas que amarra à sela, joga-se na torrente antes que seu companheiro, boquiaberto, pudesse retê-la. Algumas horas depois se encontrava à cabeceira de seu pai.”<sup>9</sup>*

Leonor Arfuch<sup>10</sup> nos mostra que a biografia se move em um terreno indeciso entre o testemunho, a novela e o relato histórico e ajusta-se a uma cronologia e a investigação do tempo narrativo, a interpretação minuciosa de documentos e a figuração e espaços reservados aos que, teoricamente, só ele poderia advir. Inspirada na devoção do personagem institui naturalmente um herói ou heroína.

Para Arfuch:

*La biografía estará amenazada desde el origen por la tensión entre admiración y objetividad, entre una supuesta "verdad" a restaurar y el echo de que toda historia es apenas una historia más a contar sobre un personaje. Sujeta al riesgo de tornarse en monumento, en ejercicio de erudición, en obsesión de archivo e*

---

<sup>9</sup>CORREIO DA BAHIA. *Salões parisienses. Op. Cit.*

<sup>10</sup> ARFUCH, Leonor. *El espacio biográfico: dilemas de la subjetividad contemporánea*. Argentina: Fondo de cultura Económica. 2002, p.106.



*empalagoso inventario de minimos accidentes "significativos" también puede transformarse em estilete contra su objeto.<sup>11</sup>*

Arfuch fala sobre duas tipologias de biografias: a relação reverencial do biógrafo, cuja maneira de render tributo ao biografado se expressa as vezes "quantitativamente" em pesadas obras de vários volumes e contrariamente, as biografias que ridicularizam ou denigrem os seus sujeitos, apresentando - os em suas facetas mais íntimas e desagradáveis - Jeffrey Meyers sobre Scott Fitzgerald, por exemplo.

Arfuch<sup>12</sup> cita Brenda Madox, autora de uma biografia de Yeats, que questiona o paradigma amor/ódio como "motor" da biografia e também o seu caráter de "gênero literário", para sugerir a idéia da biografia como "periodismo", mais a cerca de uma "notícia quente" do que de uma visão sacralizada e sujeita a outras motivações possíveis: a curiosidade, o desconhecimento, a análise distanciada, a posição "médica" no sentido de compaixão.

Há também, para a autora, exercícios de escritura que, sem abandonar o modelo de narração da vida de um personagem existente, se apartam da fidelidade histórica para dar lugar a novos híbridos, seriam as narrações noveladas em torno de personagens históricos bem conhecidos, sem pretensão de veracidade.

Guardando as devidas proporções e não desprezando a época histórica em que foram produzidos, o artigo intitulado, *Salões parisienses*<sup>13</sup>, procura resgatar a projeção internacional da condessa demonstrando, de forma não menos conservadora e partidária de uma concepção positivista da história, a condessa como heroína ilustre e romântica.

---

<sup>11</sup> ARFUCH, Leonor. *El espacio biográfico: dilemas de la subjetividad contemporánea*. Argentina: Fondo de cultura Económica, 2002, p.107.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p.106.

<sup>13</sup>CORREIO DA BAHIA. *Salões parisienses*. *Op. Cit.*

Num outro artigo do mesmo jornal<sup>14</sup>, Anna Amélia Vieira Nascimento, utiliza um episódio contado por Wanderley Pinho em um de seus livros: *Salões e damas do segundo reinado*, para dar início a uma breve biografia da Condessa de Barral.

Segundo a jornalista, "contam" que uma camarista que, vendo passar a condessa de Barral, comentou em tom melancólico, talvez irônico: "Como está envelhecida a condessa de Barral!" O imperador atalhou, rápido, quase indignado, como se houvesse sido ferido pela observação: "Saiba que uma mulher de espírito nunca envelhece."

Na mesma linha que tenta, desesperadamente, atribuir dons heróicos à condessa para justificar a biografia romanceada, Anna Amélia Vieira Nascimento "conta" como foi o pedido de casamento da condessa pelo futuro marido:

*Em 1835, Luisa Borges de Barros denunciava que pretendia ter o direito de escolher o seu futuro noivo. "Eu fui pedida em casamento por um simpático rapaz, que se tomou de uma bela paixão por mim". "Ele era francês e tinha os mais belos olhos do mundo". Explicou-lhe então ela, que não podia casar-se com o Calmon, seu prometido, porque desde cedo, vivendo na França, suas amizades, seus hábitos e relações tinham outras raízes. Do Brasil distanciara-se há vários anos. Suas preferências, seus gostos também. Pedra Branca (pai da condessa) sentiu muito a decisão da filha, mas civilizado e conhecedor dos encantos da França, teve o mérito de respeitar-lhe a vontade.<sup>15</sup>*

Tendo o mesmo amor redentor (primeiro pelo pai, depois pelo marido e o filho e por último, pelo imperador) como motor de algumas de suas biografias, a "condessa heroína" continua a ser construída sobre os mais diversos estereótipos.

A mesma jornalista relata:

*No seu engenho São João, a condessa de Barral transformava-se em completa senhora de engenho. Era no ensino do catecismo aos*

---

<sup>14</sup>NASCIMENTO, Anna A.V. *Uma mulher de espírito nunca envelhece!* Disponível na internet via [www](http://www.correiodabahia.com.br/). Url:[www.correiodabahia.com.br/](http://www.correiodabahia.com.br/). Arquivo capturado em setembro de 2004.

<sup>15</sup> *Ibid.*

*escravos, na orientação dos trabalhos da costura, nos cuidados com a saúde dos servos; velava sobre as pequenas criações e, ao entardecer, ainda montava o cavalo. Com tantos predicados, tornara-se, sem dúvida, uma figura de destaque no império. Muitas razões assistiam, portanto, a Sua Majestade o Imperador D. Pedro II, quando insistiu no convite à condessa de Barral, em 1856, para que aceitasse as relevantes funções de aia e preceptora de suas filhas, a princesa Isabel, herdeira do trono, e a princesa Leopoldina.<sup>16</sup>*

Ao relatar sobre o pretenso "romance" entre o imperador e a condessa, a mesma jornalista, parece tomar um certo cuidado com o tema e tenta conferir uma aura mágica ao "amor" que existia entre os dois. Ao tentar fugir dos estereótipos de "amante", "manipuladora" "responsável pela tristeza da imperatriz", a jornalista cai nos estereótipos contrários de "mulher repleta de predicados", suave, boa, abnegada, companheira, cúmplice, discreta. Prossegue a jornalista:

*Em diversas ocasiões, a correspondência do imperador com sua dileta amiga sugere algo mais. E assim, pelo resto de suas vidas, Barral e o imperador viveram uma discreta história de amor. Nem o tempo nem a distância os separaram. A Barral era nove anos mais idosa que o imperador, mas com suavidade conseguiu diluir os sentimentos daquele ser austero e solitário, preocupado com as razões de estado da corte do Brasil. Era sua confidente e sua cúmplice; e, como diziam na própria corte, a única pessoa que usava de ascendência sobre Sua Majestade.<sup>17</sup>*

Dentro da construção heróica da condessa, nem mesmo a morte foi poupada. No mesmo artigo, a jornalista narra os últimos momentos da condessa:

*Proclamada a república, ambos (condessa e imperador) seguiram para o exílio. Quando fechou os olhos, no dia 11 de janeiro de 1891 (data diferente em quase todas as biografias), 11 meses antes do imperador, Barral tomou todas as providências para as exéquias que deviam celebrar sua morte; despediu-se como se*

---

<sup>16</sup> NASCIMENTO, Anna A.V. *Uma mulher de espírito nunca envelhece!* Op. Cit.

<sup>17</sup> *Ibid.*,

*partisse para uma viagem. Por fim, murmurou: 'Estou cansada; deixem-me dormir'. Foram suas últimas palavras.*<sup>18</sup>

No mesmo artigo<sup>19</sup>, o jornal cita algumas observações do Cavaleiro de Saint-Georges sobre a influência da condessa sobre a política do segundo reinado: "Poucas reformas foram votadas no parlamento que não tenham sido previamente discutidas no Campo de São Cristovão", este uma referência ao endereço da condessa.

Segue o jornal: Liberais eminentes, como os Zacarias, os Saraiva, os Dantas, os Paranaguá e outros lamentavam que Luísa Margarida não fosse homem (o que certamente desagradaria a D. Pedro II) para fazer dela presidente do Conselho.

Em alguns fragmentos biográficos da Condessa de Barral é perceptível a busca pelo sentido e a intenção do biógrafo na organização da cronologia de sua vida. Há no texto de Áurea Carvalho<sup>20</sup>, além da preocupação na busca de sentido para a vida da condessa, uma “naturalização” dos eventos de sua vida, que irão levá-la também “naturalmente” a algum lugar (no caso, a admiração de Pedro II, ao seu trabalho de preceptora:

*Luísa Margarida Portugal de Barros, a Condessa de Barral e de Pedra Branca, nasceu na Bahia, em 13 de Abril de 1816. Filha de Domingos Borges de Barros, poeta e político que ocupou cargos no exterior, primeiro representando a Bahia nas Cortes Portuguesas, mesmo antes da independência do Brasil, depois na França onde trabalhou pelo reconhecimento da independência e recebeu por isso o título de Barão de Pedra Branca em 1825, logo depois elevado para Visconde.*

*Embora fosse nomeado senador no Brasil ia-se deixando ficar em França. Havia, por certo, boas razões para isso e uma delas era certamente a filha que em Paris poderia cursar educandários bem superiores aos colégios para meninas do Rio de Janeiro de então, também a vida social no Brasil era acanhada e não se comparava a de Paris. Além disso, levava-a a viajar por outros países como a*

---

<sup>18</sup> NASCIMENTO, Anna A.V. *Uma mulher de espírito nunca envelhece!* Op. Cit..

<sup>19</sup> *Ibid.*

<sup>20</sup> CARVALHO, Áurea. *A condessa de Barral.* Op. Cit.

*Suiça, Alemanha, Itália, etc, proporcionando-lhe o conhecimento de várias línguas.*

Nesta busca de sentido para a história da condessa de Barral é inevitável o confronto com diversas questões como a escrita masculina sobre a mulher, a tentativa de transformá-la em heroína inspirados pela visão positivista, resgatar a "dignidade social" que o título de condessa deveria lhe conferir apesar das acusações de amante ilícita, reforçar-lhe a bondade e seu amor de mãe, o próprio amor que ela sentia pelo imperador como redentor, acabam por denunciar concepções impregnadas de senso comum.

O texto de Áurea Carvalho<sup>21</sup> configuraria uma tentativa política de resgatar historicamente a figura da condessa. É clara a sua intenção quando inicia a biografia tomada pela indignação:

*A condessa de Barral merece mais do que uma simples e fria menção nas biografias das princesas Izabel e Leopoldina como preceptora; também não deve haver espaço para risinhos maliciosos ou irônicos quando seu nome é associado ao do Imperador Pedro II. Ela merece muito mais do que isto; foi uma mulher nada vulgar, possuidora de uma inteligência aguda, de uma cultura muito superior à que possuíam as mulheres de sua época, mormente as brasileiras, e possuidora de qualidades invejáveis.*

Mas ela procura dar sentido a sua personagem, reforçando os estereótipos de cultura (é inegável a importância que acaba transparecendo na "alta cultura da condessa"), na verdade, comum aos membros de sua classe social. Esta mesma "cultura", como algo espetacular, e superior às outras mulheres é que levaria a condessa a trabalhar de preceptora das filhas do imperador, dentre tantas outras nobres nas cortes, escolhida por critérios pessoais e não questionados. A condessa, para Carvalho, merece

---

<sup>21</sup> CARVALHO, Áurea. *A condessa de Barral*. Op. Cit.

menção maior na História porque também poderia ser um personagem ilustre, incomum e superior a tantos outros. Mas é perceptível a tentativa de direcionar as aptidões da condessa para o campo profissional, longe de insinuações irônicas que a condição de suposta amante lhe conferia socialmente.

O olhar masculino de Raimundo Magalhães Junior sobre o fato de a condessa de Barral ter guardado a sua correspondência e mandado doá-la ao Museu Imperial 50 anos após a sua morte enxerga "um sentido" totalmente diferente de Carvalho. Para ele: "*Por vaidade de mulher, afeição ou coqueteria, a condessa não obedeceu, guardando as cartas em vários maços, que deixou com seus herdeiros com a instrução de que, 50 anos depois de sua morte, fossem doadas aos arquivos públicos*<sup>22</sup>.

Diante de tantos olhares sobre a figura da condessa, de múltiplas interpretações e criações de sentido para a sua biografia, tanto o discurso ficcional quanto o histórico se apresentam como altamente frustrantes.

E dentro desse decepcionante panorama biográfico da condessa de Barral, surgiu no mercado brasileiro, no final de 2008, a obra da historiadora Mary Del Priore, intitulada *condessa de barral: A paixão do imperador*, publicada pela Editora Objetiva.

O livro se propõe a fazer um mergulho na História para trazer ao público o retrato de uma paixão, uma época e a reconstrução detalhada do “suposto” romance entre os dois, fundamentada em cartas, diários e relatos dos encontros entre o imperador e a condessa de Barral, escritos pelos dois. A correspondência mantida entre os dois é anunciada na orelha do livro e na publicidade em torno do mesmo, como a grande fonte

---

<sup>22</sup> CARVALHO, Áurea. *A condessa de Barral*. Op. Cit.

histórica reveladora do romance e da figura, até então, supostamente não desvendada, da condessa de Barral.

Sobre esta suposta e inédita fonte histórica, o leitor/consumidor comprará a garantia de uma novidade reveladora que somente depois, com a leitura do livro perceberá que o mesmo não apresenta nenhum fato histórico novo, mas muito romanceamento e interpretações extremamente pessoais produzidas sobre uma já contada e recontada velha história.

A pesquisa que me proponho a fazer possui uma *relação muito estreita com minha formação* em Ciências Sociais e habilitação em História, especialização<sup>23</sup> e mestrado<sup>24</sup> na área da Educação, onde sempre desenvolvi trabalhos sobre sexualidade e questão feminina, sob a orientação do Prof<sup>o</sup> Dr. César Aparecido Nunes. Mas principalmente com a tese de doutorado que desenvolvi sobre a correspondência entre o D. Pedro II e a condessa de Barral no curso de Doutorado<sup>25</sup>, onde tive a oportunidade de

Na minha concepção, em momento algum a correspondência entre os dois revela um romance oculto e muito menos fornece os detalhes para as interpretações pessoais da autora, que ao utilizar uma narrativa romanceada da História, acaba por suscitar diversas questões. *Primeiro*, as questões que envolvem a História como: a ética do historiador, sua postura política na interpretação dos fatos e fontes, os limites entre a

---

<sup>23</sup> Com a Monografia *A construção da sexualidade dos filhos na trama dos discursos e vivências das mães: um estudo de caso em Florianópolis, Santa Catarina*. Florianópolis: 1995 – Faculdade de Educação. Universidade do Estado de Santa Catarina.

<sup>24</sup> Com a dissertação *A construção social da sexualidade feminina na II metade do século XX: identidades, desafios e contradições*. Florianópolis: 2000 – Faculdade de Educação. Universidade do Estado de Santa Catarina.

<sup>25</sup> Concluído na Universidade Federal de Santa Catarina, no Centro de Comunicação e Expressão, do Programa de Pós - graduação em Literatura Brasileira e Teoria Literária, na área de concentração em Literatura, História e Memória, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos. *Cuja tese defendida intitula-se Pedro e Luísa: construções de si: a escrita epistolar de D. Pedro II e da Condessa de Barral*.

ficção literária e a História e o seu uso como um valor mercadológico e entretenimento de massa. *Segundo*, no que se refere ao gênero biográfico/histórico e romanceado, há uma diluição do sujeito histórico que torna confuso os seus limites com o personagem ficcional. E a influência que as diversas vertentes da biografia histórica e suas implicações filosóficas exercem sobre a educação de massas atualmente. E *terceiro*, a perpetuação de estereótipos e a banalização de questões que envolvem a sexualidade humana como: a utilização do “duplo nó” ou seja, a sedução ao leitor através os institucionalmente “proibido”; a paixão, o amor, o adultério, o erotismo, o papel da mulher.

## 2. JUSTIFICATIVA

Acredita-se na relevância da análise crítica do livro *condessa de barral A PAIXÃO DO IMPERADOR*, de Mary Del Priore, principalmente por ele não promover uma reflexão sobre as questões anteriormente elencadas, além de não acrescentar informações pertinentes ao leitor no que se refere à correspondência entre D. Pedro II e a condessa de Barral enquanto fundamentação histórica da suposta paixão.

Utilizando como mola mestra da biografia da condessa de Barral, a suposta paixão que o imperador nutria por ela, a autora, além de diversas outras questões, distancia – se muito de uma postura crítica e posiciona-se em favor de uma neutralidade de uma suposta “verdade”, repetindo e reproduzindo na atualidade, sob nova roupagem, as antigas biografias da condessa de Barral.



O que denotaria uma forte despreocupação educacional e uma contribuição na reprodução da semiformação cultural alienada, no sentido Adorniano,<sup>26</sup> já que boa parte desse tipo de abordagem histórica, de leitura “fácil” e romanceada também é utilizada como material extrapedagógico nas escolas, sob a responsabilidade de ter sido construído por um historiador.

---

<sup>26</sup> ADORNO, Theodor W. *Teoria da Semicultura*. Disponível na internet via [www.Url: http://geocities.com/jneves\\_2000/tadorno.htm](http://geocities.com/jneves_2000/tadorno.htm). Arquivo capturado em outubro de 2009.

### 3. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

A sexualidade a que se refere é entendida como objeto que vem abandonando a hegemonia da Biologia e cujo enfoque acabou sendo ampliado, deixando de representar um fenômeno primordialmente “natural”, para antes ser produto de forças sociais e históricas, uma “unidade imaginária”. São as forças sociais que delimitam a forma da sexualidade. A fisiologia e a morfologia do organismo são o que estabelecem as precondições da sexualidade humana, mas a biologia não cria os padrões de nossa vida sexual; simplesmente condiciona e limita aquilo que é provável e aquilo que é possível. A sexualidade é objeto de intensa sociabilização e toda cultura define várias práticas como próprias e impróprias, morais e imorais, sadias e patológicas. Logo, ela só pode ser compreendida na trama das relações sociais e culturais de cada época, onde se deve explicitar seus determinantes econômicos, os modelos hegemônicos, decifrar seus eixos de sentido e desvendar as contradições dos códigos de poder que a envolvem.

Não existe, portanto, um antagonismo entre sexualidade e sociedade, como se tratasse de elementos biologicamente dissociados e resultantes de domínios separados da natureza. Há, sim, um conceito no sentido antropológico amplo, como dimensão ontológica essencial do ser humano, incorporando componentes biológicos, mas buscando atingir significações culturais e existenciais mais exigentes<sup>27</sup>.

*Tudo isso faz da sexualidade humana o que ela pode ser: uma descoberta, uma elaboração, uma busca. Um peso que a estrutura como um existencial, como uma dimensão do ser - no - mundo do homem, posto que não nos referimos a uma sexualidade animal, sem história e sem cultura, mas à sexualidade enquanto imersa na temporalidade, nela recebendo*

---

<sup>27</sup> NUNES, César Aparecido. *Filosofia, Sexualidade e Educação: as relações entre os pressupostos ético-sociais e histórico-culturais presentes nas abordagens institucionais sobre a educação sexual escolar*. Campinas: 1996. (Doutorado em Educação) – Área de Filosofia da Educação. Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

*sua revelação vivencial, suas formalizações conceituais, sua expressão estética, seu tratamento moral e social.*<sup>28</sup>

Maria Luísa Heilborn<sup>29</sup> afirma que o debate teórico em torno da sexualidade tem sido destacado pelo enfrentamento entre duas posições: o essencialismo e o construtivismo social. Para ela, “tal posição não possui uma distinção linear, travando-se em dois planos distintos: no primeiro há uma oposição simples entre as duas perspectivas. No segundo incluem-se variantes entre as diferentes modalidades de conceber o construtivismo social.”

O essencialismo defende a idéia de que há algo inerente à natureza humana inscrito nos corpos na forma de um instinto ou energia sexual que conduz as ações. A sexualidade, para esta concepção, seria resultado de um mecanismo fisiológico a serviço da reprodução da espécie ou da manifestação de uma pulsão psíquica em busca de sua manifestação.

O construtivismo social agrega uma série de abordagens que buscam problematizar a universalidade desse instinto sexual.

Para a autora<sup>30</sup>, o foco da argumentação é o de que existem formas culturalmente específicas, que o olhar ocidental chamaria de sexualidade, que envolvem contatos corporais entre pessoas do mesmo sexo ou de sexos diferentes, ligados ou não à atividade reprodutiva, que podem ter significados radicalmente distintos entre as culturas, ou mesmo entre grupos populacionais de uma determinada cultura. Portanto, os significados sexuais e, sobretudo, a própria noção de experiência ou comportamento

---

<sup>28</sup> FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro, Graal, 1985, p.57.

<sup>29</sup> HEILBORN, Maria Luísa. *Ciências Sociais e sexualidade*. Disponível na Internet via www. Url:

[www.URL:http://sistema.clam.org.br/biblioteca/files/introducao\\_ciencias\\_sociais\\_e\\_sexualidade.pdf](http://sistema.clam.org.br/biblioteca/files/introducao_ciencias_sociais_e_sexualidade.pdf).  
Arquivo capturado em junho de 2008.

<sup>30</sup> *Ibid.*

sexual não seriam passíveis de generalização, dado que estão ancorados em teias de significados articuladas a outras modalidades de classificação, como o sistema de parentesco e de gênero, as classificações etárias, a estrutura de privilégios sociais e de distribuição de riqueza, etc.

Para as ciências sociais, continua Heilborn<sup>31</sup>, caberia a identificação das articulações e nexos entre esses eixos de classificação social, na medida em que a sexualidade, como qualquer outro domínio da vida, depende de socialização, de aprendizagem de determinadas regras, de roteiros e cenários culturais para que a atividade sexual possa ser significada e exercida.

Não há, assim, uma razão universal pairando sobre as condutas e muito menos sobre os significados do que seja sexual. O sexual não se restringe à dimensão reprodutiva, tampouco à psíquica, estando impregnado de convenções culturais acerca do que consistem a excitação e a satisfação eróticas, construtos simbólicos que modelam as próprias sensações físicas<sup>32</sup>.

Dentro de um dos dois desdobramentos do essencialismo, citados por Heilborn, encontra-se a teoria freudiana sobre a sexualidade, que na minha concepção, não deve ser reduzida à criação de uma pulsão psíquica em busca de extravasar-se.

Embora discordemos de muitas das posições adotadas por Freud, que não vem ao caso discutir neste momento, gostaríamos de destacar a sua importância na re-significação da sexualidade humana, afastando-a da genitalidade e aproximando-a de algo mais amplo como sendo qualquer forma de gratificação ou busca de prazer, que

---

<sup>31</sup> GAGNON, J. & SIMON, W. *Sexual conduct: the social sources of human sexuality*. Chicago: Aldine.1973.

<sup>32</sup> PARKER, Richard. Diversidade sexual, análise sexual e educação sobre Aids no Brasil. In: LOYOLA, M.A. (org.) *Aids e sexualidade: o ponto de vista das ciências humanas*. Rio de Janeiro, Relume Dumará: UERJ, 1994, p.141-159.

implica em linguagem, por esta ser essencial para qualquer estruturação de um universo de representação e em toda regulação de um *princípio de prazer* e um *de realidade*<sup>33</sup>.

Destaca-se ainda a preocupação de Freud em não menosprezar o papel da cultura, quando concebeu os modelos do aparelho psíquico, principalmente o superego. Este representa, para ele, a censura das pulsões que a sociedade e a cultura impõem ao id, impedindo-o de satisfazer plenamente os seus instintos e desejos. É a repressão, particularmente, a repressão sexual, manifesta-se à consciência indiretamente, sob forma da moral, como um conjunto de interdições e deveres, e por meio da educação, pela produção do "eu ideal", isto é, da pessoa moral, boa e virtuosa<sup>34</sup>.

Apesar de colocar a sexualidade como a grande questão do humano na busca da unidade - desejo incestuoso - como origem da pulsão que nunca se realiza e é sempre parcial, está colocando o desejo sexual incestuoso e inconsciente como peça fundamental para compreendermos o nosso grande desejo de unidade "irrealizável" presente em nossa sexualidade como princípio de prazer e não como genitalidade.

Para Freud, é o desejo incestuoso que daria origem a toda a busca de unidade do ser humano com o que presumidamente pode lhe trazer prazer, mas o que o ser humano conseguirá fazer com o seu "princípio de prazer" depende de uma série de fatores, superego, inclusive e principalmente a sua cultura. Por isso defende-se a idéia de que não importa tanto se a sexualidade originou-se de uma pulsão ou não, já que ela depende de socialização, de aprendizagem de determinadas regras, de roteiros e cenários culturais para que possa existir, ser exercida e significada, mas nunca reduzida ao exercício da genitalidade ou da atividade sexual.

---

<sup>33</sup>REBOUCAS, Mônica. *Sobre a sexualidade em Freud*. Disponível na Internet via [www.Url: http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/cogito/v4/v4a04.pdf](http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/cogito/v4/v4a04.pdf). Arquivo capturado em junho de 2008.

<sup>34</sup>Disponível na Internet via [www.Url: http://pt.wikipedia.org](http://pt.wikipedia.org). <http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/cogito/v4/v4a04.pdf>. Arquivo capturado em junho de 2008.

Fausto-Sterling<sup>35</sup> aponta os estudos de Kinsey, na década de 50, principalmente a escala criada pelo mesmo, como perpetuadores da separação entre afetividade e sexualidade e sexualidade como uma característica individual, e não algo produzido dentro de relações em situações sociais específicas e em um determinado tempo histórico. E nos lembra que a escala linear de Kinsey ainda reina suprema no trabalho acadêmico, apesar dos recentes estudos sobre a história social da sexualidade humana mostrarem que a organização e expressão social dessa sexualidade não são atemporais nem universais.

Voltando ao construtivismo, Heilborn<sup>36</sup> aponta dois desdobramentos assim classificados e aplicados à sexualidade por Carole Vance<sup>37</sup>: o modelo de influência cultural, que parte de do pressuposto de que há uma “partilha fundamental entre corpo e razão na qual o corpo permanece como uma espécie de substrato ao qual a cultura se superpõe, alterando/modelando os comportamentos, as experiências e as significações relativas ao que chamamos de experiência sexual. Aceita-se que a sexualidade seja universal e biologicamente determinada, cabendo a cada sociedade conformar o impulso ou pulsão sexual.

E o segundo modelo<sup>38</sup> “mais enfático, postulando que o domínio do sexual, do erótico ou das sensações do corpo é puro efeito de construções culturais. Nesse sentido, é necessário identificar as mediações, os vínculos que, em cada momento histórico, definem o que seja sexual e de que modo tal significado se articula com as classificações de gênero, com a reprodução e com o sistema de parentesco. Não há,

---

<sup>35</sup> FAUSTO-STERLING, Anne. *Dualismos em duelo. Cadernos Pagu* (17/18), 2001/02, p.35.

<sup>36</sup> HEILBORN, Maria Luísa. *Ciências Sociais e sexualidade. Op. Cit.*

<sup>37</sup> Ver: VANCE, C. S. A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. *Physis. Revista de Saúde Coletiva*. vol.5, nº1, p.7-31. IMS/UERJ: Relume-Dumará.

<sup>38</sup> HEILBORN, Maria Luísa. *Ciências Sociais e sexualidade. Op. Cit.*

portanto, algo inerente à fisiologia ou à psique humanas que possa ser considerado um substrato universal sobre o qual a cultura opera, privilegiando-se o pressuposto da radical arbitrariedade do que venha a ser sexual.”

Heilborn chama a atenção para o fato de que a sexualidade possui vínculos, que a meu ver são inseparáveis, com a subjetividade e as relações de gênero.

Para a autora<sup>39</sup>:

*A sexualidade não tem o mesmo grau de importância para todos os sujeitos. Mais do que um recurso explicativo baseado em diferenças psicológicas, essa variação é efeito de processos sociais que se originam no valor que a sexualidade ocupa em determinados nichos sociais e nos roteiros específicos de socialização com que as pessoas se deparam. A cultura (em sentido lato) é a responsável pela transformação dos corpos em entidades sexuadas e socializadas, por intermédio de redes de significados que abarcam categorizações de gênero, de orientação sexual, de escolha de parceiros. Valores e práticas sociais modelam, orientam e esculpem desejos e modos de viver a sexualidade, dando origem a carreiras sexuais/amorosas. O valor diferencial atribuído à sexualidade deve considerar que esta não é sinônimo de atividade sexual. O primeiro termo refere-se à construção histórica, na modernidade, de uma dimensão interna aos sujeitos (Vance, 1995), profundamente imbricada num modelo particular de construção da pessoa, no qual interiorização e individualização são traços modeladores da subjetividade. Mais do que uma entidade universal, a sexualidade é uma unidade ficcional (Weeks, 1986: 15), dependente de um determinado contexto cultural e historicamente instituída como um domínio portador de sentido em si mesmo (Foucault, 1977). Ainda que este tenha sido um movimento geral das sociedades modernas, certos segmentos sociais estão mais expostos à lógica cultural da modernidade, enquanto outros, como as classes trabalhadoras, compartilham distintamente desses códigos hegemônicos. Esse argumento pressupõe que culturas distintas coexistem em uma mesma sociedade e que certos segmentos sociais não esposam a ideologia dominante, a individualista. Tais grupos expressariam uma visão de mundo holista, na qual valores ligados à preeminência do todo, e não do indivíduo, seriam os estruturadores de sua lógica social. Assim, a sexualidade não se*

---

<sup>39</sup>HEILBORN, Maria Luísa. *A construção de si*. Disponível na Internet via [www.Url: http://sistema.clam.org.br/biblioteca/files/construcao\\_de\\_si.pdf](http://sistema.clam.org.br/biblioteca/files/construcao_de_si.pdf). Arquivo capturado em junho de 2008.

*constituiria em domínio de significação isolada, estando sexo e prazer englobados por uma moralidade mais abrangente. Isso significa sustentar que, nesses segmentos, a sexualidade não se apresenta como referência básica para a definição identitária (contrastivamente aos segmentos modernos) e tampouco é objeto de um discurso específico, ou melhor, não se constitui como uma instância de exercício de apreensão racional, abstrata.*

*Considerando tais diferenças de contexto cultural, é ainda possível recuperar um percurso de experiências no âmbito dos afetos e contatos físicos com pessoas, designando-o pela expressão de carreiras sexuais/amorosas. O mérito desse procedimento é poder cotejar trajetórias e cenários sexuais distintos, seja pelo prisma de classe, seja pelo de gênero. O relato de vida coloca em relevo determinados eventos, entre eles a iniciação amorosa/sexual. O privilegiamento das circunstâncias e datas funciona como um catalisador de reminiscências que promove a rememoração da trajetória de vida nesse âmbito. A solicitação de um discurso sobre o primeiro relacionamento pode incorporar, segundo o sistema de relevância do entrevistado (Schutz, 1979), elementos que o informante considera significativos para a explicação desse evento. Lembranças anteriores, ligadas à familiaridade com o tema do sexo, à socialização do gênero e às redes sociais que abrigam essa trajetória, constituem aquilo que Simon e Gagnon (1973) denominam roteiros sexuais.*

*A sucessão de experiências, as datas e circunstâncias em que ocorrem, os intervalos entre elas e seus desdobramentos – em suma, o desenrolar dos eventos – traduzem-se em roteiros sexuais, delineados sobre um pano de fundo onde se combinam as diferentes marcas sociais que delimitam o campo de possibilidades dos indivíduos: origem e classe social, história familiar, etapa do ciclo de vida em que se encontram, as relações de gênero estatuídas no universo em que habitam. Todos esses elementos fornecem as balizas para o processo de modelação da subjetividade, entendido como as circunstâncias sociais e biográficas que ensejam o sentido do eu.*

*O sentido de moralidade merece ser esclarecido. Não se trata de afirmar que a sexualidade (dos setores classificados como modernos) desconhece regras (nesse sentido, isso também constitui uma moral). Entretanto, o uso do termo moralidade nos grupos populares conota uma dimensão mais englobante, apontando para uma articulação mais estreita entre valores relativos ao sexo, à família, ao gênero e à reciprocidade como forma relacional básica (Duarte, 1986a). Nesse plano, contrasta com o tipo ideal delineado para a sexualidade moderna, que confere um relevo significativo à atividade sexual, às sensações a ela conectadas e sobretudo à reflexão que a acompanha.*



Da mesma maneira que a sexualidade possui vínculos com a subjetividade e com as relações de gênero, entendemos que ela também apresentou ligações, ao longo da história, com o amor. Isso, evidentemente, se nos aproximarmos da concepção de que o amor não é um sentimento em si, da mesma maneira que a sexualidade não é algo que nasce conosco independente da cultura.

Ana Sofia Antunes das Neves<sup>40</sup> nos lembra que:

*As concepções sobre o amor são de extrema importância para a organização das várias culturas e sociedades porque implicitamente definem o que é apropriado e desejável nas relações entre os indivíduos. Especialmente nas sociedades ocidentais o amor tem sido entendido como basilar na interação social, sendo para alguns/as autores/as a chave de todas as escolhas humanas.*

A dificuldade em observá-lo de um modo rigoroso e sistemático serviu durante décadas como argumento principal para que ele fosse nomeado de acientífico pelos/as investigadores/as. A sua introdução, como objeto científico, nas ciências sociais e humanas foi, por isso mesmo, relativamente tardia, segundo Neves. Primeiramente em 1944 quando Llewellyn Gross publicou uma das primeiras escalas de avaliação do romantismo, e mais tarde, em 1971 Ellen Bercheid e Elaine Walster realizaram a primeira revisão sistemática sobre o amor passional.

Nos últimos 40 anos, segundo Neves pelo fato de se ter começado a rejeitar a idéia da separação entre sujeito e objeto do conhecimento e da dicotomia entre estruturas e práticas, uma nova visão do conceito de amor emergiu. E assim, novas áreas no âmbito dos estudos sobre o amor parecem estar se afirmando com o aparecimento de linhas de pesquisa que procuram avaliar qual a influência que variáveis como o gênero,

---

<sup>40</sup> NEVES, A. S. das. *As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do “amor confluyente” ou o retorno ao mito do “amor romântico.”* Revista de Estudos Feministas. Vol.15, nº3. Florianópolis: UFSC, 2007.

a classe social, a etnia ou a orientação sexual (só para citar alguns exemplos) tem na emergência de diferentes tipologias de amor.

Para Neves<sup>41</sup>:

*Atualmente, o amor não pode deixar de ser entendido no quadro das suas significações históricas e culturais, sabemos nos que aquilo que é percebido como uma manifestação de intimidade ou de amor pode variar em função do espaço e do tempo onde tal fenómeno está situado. Nesse sentido, para além de ser um conceito multidimensional, o amor é também um produto social e discursivo.*

*Tal como concluiu Sternberg, as histórias que construímos e que contamos sobre o amor fazem parte de uma matriz cultural e, nessa medida, são histórias únicas de um lugar e de uma época peculiar, acabando por ter uma função social reguladora. Não só controlam o curso das relações, como também ditam em que relações devemos investir. Bernadette Bawin-Legros viria a complementar essa concepção do amor concebendo-o para além da vertente narrativa ou histórica, acrescentando que ele encontra expressão em diferentes registros, um dos quais a intimidade e que, enquanto emoção, aparece como uma codificação concreta nas palavras, nos gestos e nas acções.*

Para Foucault<sup>42</sup>, existem historicamente dois grandes procedimentos para produzir a verdade do sexo. De um lado as sociedades como a China, o Japão, a Índia, as nações árabes - muçulmanas, que se dotaram de uma *ars erotica*, e de outro, a civilização ocidental que desenvolveu a *scientia sexualis*.

Na *ars erotica*, a verdade é extraída do próprio prazer, que é encarado como prática e recolhido como experiência; não é por referência a uma lei absoluta do

---

<sup>41</sup> NEVES, A. S. das. As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do “amor confluyente” ou o retorno ao mito do “amor romântico.” *Revista de Estudos Feministas*. Vol.15, nº3. Florianópolis: UFSC, 2007..

<sup>42</sup> FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro, Graal, 1985, p. 57.

permitido e do proibido nem a um critério de utilidade que o prazer é levado em consideração, mas em relação a si mesmo. Ele deve ser conhecido como prazer e, portanto, segundo sua intensidade, sua qualidade específica, sua duração, suas reverberações no corpo e na alma. Este saber deve recair, proporcionalmente, na própria prática sexual, para trabalhá-la como se fosse de dentro e ampliar seus efeitos. Dessa forma constitui-se um saber que deve permanecer secreto, não em função de uma suspeita de infâmia que marque seu objeto, porém pela necessidade de mantê-lo na maior discrição, pois segundo a tradição, perderia sua eficácia e sua virtude ao ser divulgado.

A relação com o mestre, detentor dos segredos é, portanto, fundamental; somente este pode transmiti-lo de modo esotérico e ao cabo de uma iniciação em que orienta, com saber e severidade sem falhas, o caminhar do discípulo. Os efeitos dessa arte devem transfigurar aquele sobre quem recaem seus privilégios: domínio absoluto do corpo, gozo excepcional, esquecimento do tempo e dos limites, elixir de longa vida, exílio da morte e de suas ameaças.

O Ocidente foi desenvolvendo procedimentos, no decorrer dos séculos, *para dizer a verdade do sexo*. Esses procedimentos se ordenam quanto ao essencial, em função de uma forma de poder-saber rigorosamente oposta à arte das iniciações e ao segredo magistral, que é a *confissão*.

Desde a Idade Média, as sociedades ocidentais colocaram a confissão entre os rituais mais importantes de que se espera a produção da verdade: a regulamentação do sacramento da penitência pelo Concílio de Latrão, em 1215; o desenvolvimento das técnicas de confissão que vêm em seguida; o recuo, na justiça criminal, dos processos acusatórios; o desaparecimento das provações de culpa - juramentos, duelos, julgamentos de Deus - e o desenvolvimento dos métodos de interrogatório e de

inquérito; a importância cada vez maior ganha pela administração real na inculpação das infrações, a instauração dos tribunais de Inquisição, enfim, tudo isso contribuiu para conceder à confissão um papel central na ordem dos poderes civis e religiosos.

Para Foucault, além dos rituais probatórios, das cauções dadas pela autoridade da tradição, além dos testemunhos, e também dos procedimentos científicos de observação e de demonstração, a confissão passou a ser, no Ocidente, uma das técnicas mais altamente valorizadas para produzir a verdade. E permanece ainda hoje, a matriz geral que rege a produção do discurso verdadeiro sobre o sexo. Pertencemos segundo Foucault, a uma sociedade que articulou o difícil saber do sexo, não na transmissão do segredo, mas em torno da lenta ascensão da confiança. A instância de dominação da confissão não se encontra do lado de quem escuta e cala; não do lado do que sabe e responde, mas do que interroga e supostamente ignora. Esse discurso de verdade adquire efeito, não em quem o recebe, mas sim naquele de quem é extorquido.

Em ruptura com as tradições da *ars erotica*, Foucault percebeu que nossa sociedade constituiu uma *Scientia sexualis*<sup>43</sup>. Passou a produzir discursos “verdadeiros” sobre o sexo, e isto, tentando ajustar, o antigo procedimento da confissão às regras do discurso científico. A *Scientia sexualis*, desenvolvida a partir do século XIX, guarda como núcleo o singular rito da confissão obrigatória e exaustiva, que constituiu, no Ocidente cristão, a primeira técnica para produzir a verdade do sexo. Desde o século XVI, este rito fora, pouco a pouco desvinculado do sacramento da penitência e, por intermédio da condução das almas e da direção espiritual – *ars artium* – emigrou para a pedagogia, para as relações entre adultos e crianças, para as relações familiares, a medicina e a psiquiatria. Há quase cento e cinquenta anos, um complexo dispositivo foi

---

<sup>43</sup> FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Op. Cit., p. 66.

instaurado para produzir discursos verdadeiros sobre o sexo: um dispositivo que abarca amplamente a história, pois vincula a velha injunção da confissão aos métodos da escuta clínica. E através desse dispositivo pôde aparecer algo como a “sexualidade” enquanto verdade do sexo e de seus prazeres.

A “sexualidade” é o correlato dessa prática discursiva desenvolvida lentamente, que é a *scientia sexualis*. As características fundamentais dessa sexualidade não traduzem uma representação mais ou menos confundida pela ideologia ou desconhecimento induzido pelas interdições; corresponde às exigências funcionais do discurso que deve produzir sua verdade. No ponto de intersecção entre uma técnica de confissão e uma discursividade científica, lá onde foi preciso encontrar entre elas alguns grandes mecanismos de ajustamento - técnica de escuta, postulado de causalidade, princípio de latência, regra da interpretação, imperativo de medicalização - a sexualidade foi definida como sendo “por natureza”, um domínio penetrável por processos patológicos, solicitando intervenções terapêuticas ou de normalização; um campo de significações a decifrar; um lugar de processos ocultos por mecanismos específicos; um foco de relações causais infinitas, uma palavra obscura que é preciso, ao mesmo tempo, desencavar e escutar. É a “economia” dos discursos, ou seja, sua tecnologia intrínseca, as necessidades de seu funcionamento, as táticas que instauram, os efeitos de poder que os sustentam e que veiculam o que determina as características fundamentais do que eles dizem.

O reforço da idéia de amor romântico ocidental que costuma associá-lo sempre ao adultério, como um chamariz para a venda da História:

Essas ondas de amor que permeiam uma parte da correspondência, foram generalizadas pela autora e pouco se aproximam da concepção de Giddens<sup>44</sup>. Para ele melhor trabalhar com o conceito, ele distingue o amor apaixonado do amor romântico, e caracteriza o primeiro como marcado por uma urgência que o coloca à parte das rotinas da vida cotidiana, com as quais ele tende a conflitar. O envolvimento com o outro é invasivo – tão forte que pode levar o indivíduo, ou ambos, a ignorar as suas obrigações habituais. O amor apaixonado tem uma qualidade de encantamento que pode ser religiosa em seu fervor e é especificamente perturbador das relações pessoais, em um sentido semelhante ao do carisma; arranca o indivíduo das atividades mundanas e gera uma propensão às opções radicais e aos sacrifícios. Sob esse aspecto, o amor apaixonado representa um perigo para a ordem social. Sua qualidade de quebra de rotina e de dever que o colocou à parte das instituições existentes.

Giddens lembra que na Europa pré-moderna, a maior parte dos casamentos eram contraídos sobre o alicerce da situação econômica. Entre os mais pobres significava um meio de organizar o trabalho agrário. As diversas formas de afeição física eram raras entre os casais casados da França e Alemanha no século XVII.

Somente entre os grupos aristocráticos, a licenciosidade sexual era abertamente permitida entre as mulheres “respeitáveis”. A liberdade sexual acompanha o poder e é uma expressão do próprio poder; em certas épocas e locais. Nas camadas aristocráticas, as mulheres eram suficientemente liberadas das exigências da reprodução e do trabalho rotineiro para poderem buscar o seu prazer sexual independente. Evidentemente, enfatiza, isto jamais esteve relacionado ao casamento. Tanto que a maior parte das civilizações parece ter criado histórias e mitos que carregam a mensagem de que

---

<sup>44</sup> Ver: GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erosismo nas sociedades modernas*. São Paulo: 1993. UNESP.

aqueles que buscam criar ligações permanentes devido a um amor apaixonado são condenados.

Giddens<sup>45</sup> cita um estudo de Niklas Luhmann<sup>46</sup> onde a diferenciação entre a sexualidade “casta” do casamento e o caráter erótico ou apaixonado dos casos extraconjugais era absolutamente comum entre outras aristocracias, além da europeia. Específica da Europa era a emergência dos ideais do amor intimamente relacionados aos valores morais da cristandade.

O amor romântico, que começou a marcar presença a partir do final do século XVIII, incorporou elementos do amor apaixonado, mas tornou-se distinto deste. O amor romântico introduziu a idéia de uma narrativa para uma vida individual – fórmula que estendeu radicalmente a reflexividade do amor sublime. Contar uma história é um dos sentidos do “romance”, mas esta história tornava-se agora individualizada, inserindo o eu e o outro em uma narrativa pessoal, sem ligação particular com os processos sociais mais amplos.

O início do amor romântico coincidiu mais ou menos com a emergência da novela: a conexão era a forma narrativa recém-descoberta. Seus ideais inseriram-se diretamente nos laços emergentes entre a liberdade e a auto-realização.

Para Giddens<sup>47</sup>, o complexo de idéias associadas ao amor romântico pela primeira vez vinculou o amor com a liberdade, ambos considerados como estados normativamente desejáveis. O amor apaixonado tem sido sempre libertador, mas apenas no sentido de gerar uma quebra da rotina e do dever. E teria sido esta qualidade

---

<sup>45</sup> GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. Op. Cit.*, p.50.

<sup>46</sup> LHUMANN, Niklas. *Amor como paixão. Lisboa: Difel, 1982.*

<sup>47</sup> GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. Op. Cit.*, p.50.

do *amour passion* que o colocou à parte das instituições existentes. Os ideais do amor romântico, ao contrário, inseriram-se diretamente nos laços emergentes entre a liberdade e a auto-realização.

Nas ligações de amor romântico<sup>48</sup> o elemento do amor sublime tende a predominar sobre aquele do ardor sexual. O amor rompe com a sexualidade, embora a abarque; a virtude começa a assumir um novo sentido para ambos os sexos, não mais significando apenas inocência, mas qualidades de caráter que distinguem a outra pessoa como “especial”. Seria um processo de atração por alguém que pode tornar a vida de outro alguém mais “completa”.

Para Giddens<sup>49</sup>, o amor romântico tornou-se distinto do *amour passion*, embora ao mesmo tempo possuísse alguns resíduos dele. O *amour passion* jamais foi uma força social genérica da maneira que tem sido o amor romântico, desde o final do século XVIII até períodos relativamente recentes. Junto com outras mudanças sociais, a difusão de idéias de amor romântico estava profundamente envolvida com transições importantes que afetaram o casamento e também outros contextos da vida pessoal. O amor romântico presume algum grau de autoquestionamento: como eu me sinto em relação ao outro? Como o outro se sente a meu respeito? Será que os nossos sentimentos são “profundos” o suficiente para suportar um envolvimento prolongado?

Ao generalizar, além de outros deslizes, autora mistura os conceitos de amor romântico com amor *passion* e distancia-se de Giddens, sem clarear os conceitos.

Para Giddens, diferente do *amour passion*, que extirpa de modo irregular, o amor romântico desliga o indivíduo de situações sociais mais amplas de uma maneira diferente. Proporciona uma trajetória de vida prolongada, orientada para um futuro

---

<sup>48</sup> GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Op. Cit., p.51.

<sup>49</sup> *Ibid.*, p.56.



previsto, mais maleável; e cria uma história compartilhada que ajuda a separar o relacionamento conjugal de outros aspectos da organização familiar, conferindo-lhe uma prioridade especial.

O amor romântico suscitaria a questão da intimidade. Ela seria incompatível com a “luxúria”, não tanto porque o ser amado é idealizado – embora esta seja parte da história – mas porque presume uma comunicação psíquica, em encontro de almas que tem caráter reparador. O outro, seja quem for, preencheria um vazio que o indivíduo sequer reconhece que possui, até que a relação seja iniciada. E este vazio teria, para Giddens<sup>50</sup> relação direta com a auto-identidade: em certo sentido, o indivíduo fragmentado se tornaria inteiro.

O amor romântico fez do *amour passion* um aglomerado específico de crenças e ideais equipado para a transcendência; o amor romântico pode terminar em tragédia e se nutrir na transgressão, mas também produz triunfo, uma conquista de preceitos e compromissos mundanos. Tal amor se projeta em dois sentidos: apóia-se e idealiza o outro e projeta um curso do desenvolvimento futuro.

Se o *ethos* do amor romântico é simplesmente compreendido como o meio pelo qual uma mulher conhece o seu “príncipe”, isso para Giddens<sup>51</sup> parece superficial. Embora na literatura, como na vida, às vezes as coisas se passem deste modo, a conquista do coração do outro é, na verdade, um processo de criação e uma narrativa biográfica mútua. A heroína amansa, suaviza e modifica a masculinidade supostamente intratável do seu objeto amado, possibilitando que a afeição mútua transforme-se na principal diretriz de suas vidas juntas.

---

<sup>50</sup>GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Op. Cit., p.56.

<sup>51</sup> GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Op. Cit., p.57.

O caráter intrinsecamente subversivo da idéia do amor romântico foi durante muito tempo mantido sob controle pela associação do amor com o casamento e com a maternidade; e pela idéia de que o amor verdadeiro, uma vez encontrado, é para sempre. Quando o casamento, para a maioria da população, efetivamente era para sempre, a congruência estrutural entre o amor romântico e a parceria sexual estava bem delineada.

A começar pelo título do livro, a redução da figura da condessa de Barral a *paixão* do imperador, já soa como uma generalização confusa.

A meu ver, o rico diálogo epistolar, intenso e ambíguo, entre condessa e imperador, que oscila entre ondas de amor, amizade e erotismo também não tem o tratamento devido que estes conceitos necessitam. Reduzidos a uma paixão mal conceituada, por Del Priore eles desaparecem.

A meu ver, o erotismo deve ser entendido como Freud<sup>52</sup> o definia, ou seja, como um impulso, um desejo de união (ser um) com os objetos do mundo, que tanto pode levar à paixão mística quanto à paixão por outra pessoa ou à expressão artística, por exemplo.

O erotismo, segundo Bataille<sup>53</sup>, articula-se em torno de dois movimentos opostos: a busca de continuidade dos seres humanos, a tentativa de permanência além de um momento fugaz, versus o caráter mortal dos indivíduos, sua impossibilidade de superar a morte. Para Bataille, as pessoas se lançariam nessa busca de permanência porque carregam consigo uma espécie de “nostalgia da continuidade perdida”. Continuidade esta que nos leva ao Banquete de Platão, onde ele expressa essa idéia.

---

<sup>52</sup> BRANCO, Lúcia Castello. *O que é erotismo*. São Paulo: Editora brasiliense, 1989, p. 10.

<sup>53</sup> *Ibid.*, p. 10.

Aristófanes, um dos convidados do Banquete, conta que, antes do surgimento de Eros, a humanidade se compunha de três sexos: o masculino, o feminino e o andrógino. Os seres andróginos eram redondos e possuíam quatro mãos, duas faces, dois genitais, quatro orelhas e uma cabeça. Esses seres, por sua própria natureza, se tornaram muito poderosos e resolveram desafiar os deuses, sendo, por isso, castigado por Zeus, que decidiu cortá-los em duas partes. Assim eles ficaram fracos e úteis, porque seriam mais numerosos para servirem aos deuses.

Após essa divisão, os novos seres, mutilados e incompletos, passaram a procurar suas metades correspondentes<sup>54</sup>: “Quando se encontraram, abraçaram-se e se entrelaçaram num insopitável desejo de novamente se unirem pra sempre”. E daí se originou Eros, o impulso para recompor a antiga natureza e restaurar a antiga perfeição.

Quando se afirma perceber o erotismo permeando a correspondência é no sentido freudiano de impulso, de sexualidade, que não necessariamente vai resultar em relacionamento sexual. Ele já é, por si, pela expressão, pelo desejo de continuidade e de união.

Percebe-se o relacionamento dos dois através da correspondência da mesma maneira que a arte pode ser percebida como um processo humano que se circunscreve ao domínio de Eros e que se realiza como expressão dessa nostalgia de completude e de conexão com o cosmo.

A comunicação que se estabelece entre os dois é nitidamente erótica. O prazer em escrever para o outro não é, em primeira instância, intelectual ou racional, embora a razão possa interferir através de julgamentos. A figura que um representa para o outro é

---

<sup>54</sup> BRANCO, Lúcia Castello. *O que é erotismo*. São Paulo: Editora brasiliense, 1989, p.10.

sempre sensual: ou agrada ou desagrada, ou toca e conecta ou é indiferente. No caso é visível a admiração recíproca.

O sociólogo Francesco Alberoni<sup>55</sup> tentou decifrar o erotismo, mas a partir das diferenças culturais, e não biológicas, existentes entre homens e mulheres. Dois aspectos abordados por ele nos chamaram a atenção por virem ao encontro de nosso olhar sobre a correspondência do imperador e da condessa: a inserção do erotismo na amizade e a conceituação do homem sedutor.

Para Alberoni<sup>56</sup>, ao surgir na amizade, o erotismo a princípio é apenas um acréscimo, ou um desejo de conhecer melhor o outro. Para ele, somente a intimidade erótica é capaz de revelar aspectos desconhecidos e profundos da pessoa. A confiança gerada pela amizade permitiria um abandono tranquilo.

O erotismo que aparece através de uma relação de amizade seria, por definição, bilateral. Cada um se esforçaria para dar ao outro o que julga lhe possa dar prazer, respeitando a sua liberdade. No relacionamento amoroso que nasce da amizade, já existe uma *afinidade eletiva* e também aquele respeito à liberdade do outro, o reconhecimento do limite que, no amor explosivo, é encontrado com dor e tormento. A amizade deixaria ao homem suas fantasias de liberdade, isto é, de poder interromper a relação quando quiser. Daria à mulher a segurança de uma continuidade de afetos, defendendo-a do medo da perda.

A amizade erótica é difícil. Porque a amizade possui uma estrutura granular. Não é necessário que o amigo esteja próximo, em contato com a pele. Não é exclusiva e se preocupa essencialmente com o prazer do amigo, com quem quer que ele o procure.

---

<sup>55</sup> Ver: ALBERONI, Francesco. *O erotismo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

<sup>56</sup> *Ibid.*, p. 177.

A *amizade amorosa* é possível também quando um dos dois está apaixonado e o outro não. O primeiro, então, ama apaixonadamente, possui um erotismo sacral. O outro, ao contrário, sente-se acima de tudo amado, adorado. Em um sistema voluntarístico onde ambos devem dizer “a verdade”, esta situação não poderia persistir. Posto o dilema “ou me ama ou não me ama”, a relação deveria terminar. O terreno da amizade, ao contrário, permite o seu desenvolvimento. Ser amigo<sup>57</sup> significa admitir a diversidade, tolerar uma separação entre os desejos recíprocos. Significa, acima de tudo, não colocar alternativas, dilemas, coações.

A pessoa que não está apaixonada, mas que se sente amada assim, não faz perguntas. Aceita o prazer do amor do outro, aceita também sua adoração. O apaixonado por sua vez, não se sente constrangido a decidir. Sente a amizade do outro como um refúgio seguro. Não será abandonado sem uma palavra. Sabe que o outro sente por ele um afeto sincero, que é leal. Este tipo de amor assimétrico produz, em geral, um fortíssimo erotismo recíproco. Com a condição de que a pessoa apaixonada não ponha alternativas totais, mas contente-se com o amor que lhe é dado e tome o erotismo como prova suficiente de amor.

A amizade erótica é, para Alberoni<sup>58</sup>, governada pelo registro da amizade, descontínua, extraordinária, livre. Só pode existir se o enamoramento se explica, ainda que resistindo docemente. Fornece ao enamoramento somente um quadro descontínuo de expressão, porém lhe assegura também algo precioso: a duração. Porque mesmo a amizade é concebida para sempre. O desenfreamento erótico, a “bolha de tempo”, o “arrepio” nela podem encontrar seu nicho. Através desse tipo de erotismo uma pessoa apaixonada pode viver as emoções eróticas mais intensas ao lado do objeto do seu

---

<sup>57</sup> ALBERONI, Francesco. *O erotismo. Op. Cit.*, p. 175.

<sup>58</sup> *Ibid.*, p. 180.

amor, mesmo que o outro não esteja tão enamorado como ela. O erotismo possui uma regra de perfeição que une os seres humanos através do desejo de encontrar uma felicidade ainda maior. “A filigrana de encontros de amizade acrescenta-se a filigrana dos períodos esplendentes, das revelações eróticas e isto, por si só, tende a criar um relacionamento duradouro.”.

Pelo fato de a maioria das cartas da condessa ter sido queimada pelo imperador, existe a dificuldade em afirmar muitas coisas, porque não sabemos muito do que foi escrito por ela. Mas a correspondência, como se apresenta, mostra, a meu ver, muito da amizade erótica ou amorosa colocada por Alberoni. Consegue-se perceber um ritmo, conforme já mencionei. Um início mais formal que se estende, coincidentemente ou não, até a morte do conde de Barral, depois se intensifica e apresenta nuances de uma intimidade maior, que aos poucos parece cristalizar-se até o final. No diálogo epistolar, o imperador apresenta-se como o amigo que traz o elemento erótico para o relacionamento e a condessa como o elemento que se sente amado e admirado.

Outro aspecto de contribuição de Alberoni é sobre a sua observação sobre o que vem a ser o homem sedutor e que também, a meu ver, assemelha-se muito à maneira com que o imperador se coloca na correspondência. Ao tentar desvendar a figura do sedutor acredita-se que Alberoni consegue expandir um pouco o conceito e distanciar-se bastante dos estereótipos que geralmente lhe são associados.

Para Alberoni, *a cultura ocidental dominante enfatiza, estimula, impõe* uma necessidade no erotismo feminino de momentos suaves, de mudanças graduais, quase invisíveis. Isso, é claro, não exclui as inúmeras exceções. E ao desejo do homem valoriza e o interpreta como uma invasão, uma intrusão apressada e violenta. Para ele, a cultura ensina e valoriza certa continuidade no comportamento feminino e uma descontinuidade no comportamento masculino. O ritual de admissão (feminino), as

carícias, o abraço carinhoso e forte, seriam maneiras de reduzir ao mínimo a descontinuidade masculina.

As regras de namoro da cultura ocidental pedem que o homem acompanhe o ritmo da mulher (com certeza, intencionais para reforçar as diferenças e imprimir-lhe uma delicadeza), desculpe-se pela intrusão, que seja atencioso, divertido, cortês, emocionalmente disponível, que aceite a opinião livre e expressa da mulher e sua vontade. Dentro do entendimento ocidental dominante sobre o desejo feminino, a mulher quer ser seduzida, excitada, mas segundo os seus tempos, os seus ritmos, de forma harmoniosa. Quer ser envolvida pelas emoções.

Alberoni não diz, mas parece ter certeza de que, em geral, os homens não sabem corresponder a esse modelo de comportamento com muita competência. Porque é justamente aí que se insere o sedutor. Instala-se no âmago do espírito feminino, adere a ele, funde-se com ele até desaparecer. O grande sedutor, seria aquele que encanta as mulheres e libera o seu erotismo, fala com elas como se fosse uma mulher. E a diferença estaria justamente na maneira como fala, como escolhe as palavras e como diz.

Nessa “educação sentimental ocidental”, onde a mulher geralmente é ensinada a não gostar da “violência” do desejo masculino, o grande sedutor age de maneira tranquilizadora, persuasiva, segura. Geralmente demonstra a segurança do pai e a compreensão da mãe. Diz somente o que uma mulher diria. Fala do corpo feminino com a delicadeza que se espera da mulher. Evoca e fala de sensações das quais somente as mulheres gostam de falar. O grande sedutor tem paciência, dá-lhe tempo para se preparar, para fantasiar, para se encantar, para se excitar e para se entregar. Jamais mostra o seu desejo, a sua urgência. A cada instante faz à mulher a promessa que ela foi ensinada a esperar: não lhe peço para mudar, não uso violência para com você, não

quero nada para mim. E torna-se, ao mesmo tempo, tranquilizador como os pais, alegre e impaciente como a amiga adolescente, cúmplice como o espelho, fazendo como se a mulher se sinta admirada, descobrindo-se, fantasiando. O sedutor<sup>59</sup> conhece e interiorizou as fantasias femininas e a toca como tocaria uma amiga. Quando a mulher se entrega nem mesmo sabe por que o fez, tal a naturalidade com que tudo aconteceu.

Para Alberoni<sup>60</sup>, o inexperiente, ao contrário, é tímido, desastrado, portador de certa urgência sem palavras, explosiva, incapaz de se tornar urgência do outro. A urgência do tímido seria violenta, nua. E a mulher perceberia essa violência como dupla, a do desejo e da repressão. O gaguejar do tímido o revela. O grande sedutor situa-se no extremo oposto. Torna sua a necessidade da mulher, identifica-se com ela. Sua voz hipnótica dá voz ao seu desejo, às suas fantasias, dissolve seus medos e a leva a realizar o que a fez fantasiar.

Pode-se considerar como grande sedutor somente aquele que sabe conduzir o jogo até o final. Mesmo abandonando a mulher, deve deixar sempre uma boa recordação de si mesmo. Para ele, poucos homens conseguem isto.

O erotismo é explicitamente utilizado pela autora ao definir os olhos da condessa de Barral como “olhos de veludo” e estes mesmo olhos foram usados na capa do livro de Del Priore, a partir de um retrato da condessa pintado por Vanacker, sobre marfim. Cortados do resto do rosto, eles sugerem algo misterioso, secreto, como se espiassem por trás de algo. Abaixo do olhar foi colocado o título *Condessa de Barral: a paixão do imperador*. Este ar misterioso, explicitamente manipulado, já que foi retirado do retrato original, sugere a revelação de uma mulher, reduzida a paixão do imperador. E isso nos remete, além das questões referentes à manipulação de imagens de obras de arte, à

---

<sup>59</sup> ALBERONI, Francesco. *O erotismo. Op. Cit.*, p. 87.

<sup>60</sup> *Ibid.*, p. 87.



relação existente entre texto e imagem dentro da cultura de massa, onde Barthes<sup>61</sup> observou e nos alertou que, na relação atual entre imagem e texto, a imagem não vem “iluminar” ou “realizar” a palavra, é a palavra que vem sublimar, patetizar ou racionalizar a imagem. O recorte dos olhos da condessa de Barral, exposto na capa do livro, mostra também como o texto torna pesada a imagem, enxertando-lhe de uma cultura, de uma moral e de uma imaginação.

Há também as questões que envolvem a figura feminina e suas biografias como parte secundária da biografia masculina e mascarada por uma pretensa postura feminista, de carona, propositalmente e erroneamente, nos *estudos de gênero* atuais, que confunde o leitor leigo. Não fosse o bastante, também tenta seduzir o leitor através do duplo nó,<sup>62</sup> aos moldes da publicidade atual. Destacando os olhos da condessa de Barral, sugerindo segredo, mistério e revelação de algo proibido e sexual, consegue o efeito de afirmar, negar, proibir e consentir alguma coisa ao mesmo tempo, manipulando a fantasia e a curiosidade do comprador do livro. Ao mesmo tempo em que sugere transgredir as normas repressivas através da pretensa revelação de algo, manipula os desejos socialmente proibidos e compactua com padrões sexuais permitidos e codificados. Usa o adultério dos dois personagens, socialmente imperdoável, até mesmo por ferir o Sexto Mandamento da Lei de Deus, principalmente o da mulher condessa de Barral, como tema principal do livro.

A capa do livro trabalha com a produção de uma contradição insuperável, transformando em chamariz aquilo mesmo que a moral repressiva e social condena. É

---

<sup>61</sup> BARTHES, Roland. A mensagem fotográfica. In: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da cultura de massa*. Op. Cit., p. 334.

<sup>62</sup> CHAUI, Marilena. *Repressão sexual: Essa nossa (des) conhecida*. São Paulo: Editora brasiliense, 1984, p. 161.

moralista porque induz ao proibido-consentido visando o lucro. É perversa porque explora as profundezas da alma e do corpo para obter este resultado.

Já a exploração da figura da condessa de Barral, e isto é amplamente ampliado durante a narrativa de sua biografia, é o principal objeto de fetiche. E será revelado, a nós, leitores, as razões e motivos de tanta originalidade contidas numa mulher “especial”, diferente das demais de seu e de nosso tempo.

Através da redução da condessa de Barral, mascarada em originalidade, a intenção da biógrafa, consciente ou não, manipula o desejo imediato e crescente de um prazer no leitor. Oferecendo-a como “algo” portador de prazer, primeiro do imperador e agora, com a sua revelação, do leitor. Promete exhibir ao longo da biografia as grandes qualidades e atributos desse ser especial e tudo o que ela proporcionou ao imperador como, o amor, a paixão, a transgressão, a felicidade, a inteligência e o sucesso da empreitada. E ao leitor, promete garantia do desejo satisfeito. O objeto Condessa de Barral transforma-se então na ilusão de que algumas pessoas permitem, vivem ou podem oferecer aos outros, tudo aquilo que a nossa sociedade condena.

Ao utilizar a correspondência epistolar entre o imperador e a condessa de Barral para “construir” a história de uma “paixão” defendida pela autora, a meu ver, a mesma comete diversos deslizes como:

Afasta-se totalmente da definição de Bahktin,<sup>63</sup> para quem a carta seria um enunciado, assim como o são uma palavra, oração ou texto. E onde “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão relacionadas com a utilização da

---

<sup>63</sup> CAMARGO, M. R. M. Escreva-me urgente...Um estudo dos elos comunicativos na carta. In: Bastos, M. H. C./CUNHA, M. T. S./MIGNOT, A. C. V. (org.) *Destino das letras: história, educação e escrita epistolar. Op. Cit., p.165.*

língua [...], esta se efetua em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam duma ou doutra esfera da atividade humana”.

Para ele há uma diferença essencial entre o gênero do discurso primário (simples) e o gênero do discurso secundário (complexo). O primeiro é constituído em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea, e o segundo, constituído pelo romance, teatro, discurso científico, discurso ideológico, etc.

Ao tentar definir e identificar a carta com relação ao estudo dos gêneros, Camargo<sup>64</sup> sugere que esta pode ser pensada como um gênero secundário porque, ao ser *escrita*, perde seu caráter de comunicação espontânea que constitui o gênero primário. Como escrita, perde em expressão gestual e interativa e ganha na sua capacidade de autonomia e distanciamento.

A carta demanda um distanciamento entre os interlocutores, que é espacial e temporal, e demanda ao mesmo tempo um distanciamento entre o autor e os acontecimentos a que a carta remete. Como *escrita*, sempre é um “sucesso”, um acontecimento que remete a outros acontecimentos sobre os quais reflete. Na carta, realizam-se projetos de dizer. Mas as cartas podem ser pensadas como gênero primário ao se constituírem em matéria-prima para um romance, como no caso da condessa e do imperador. O ato de escrever cartas pessoais/íntimas consiste, segundo Cunha<sup>65</sup> em:

*Confrontar-se com códigos estabelecidos e, a partir deles, inventar/construir um lugar para si, através das palavras. Trocar cartas corresponder - se, escrever para alguém são formas de se expor, de compartilhar experiências, construir elos invisíveis e, muitas vezes, duradouros. A carta como uma prática de escrita,*

---

<sup>64</sup> CAMARGO, M. R. M. Escreva-me urgente...Um estudo dos elos comunicativos na carta. In: Bastos, M. H. C./CUNHA, M. T. S./MIGNOT, A. C. V. (org.) *Destino das letras: história, educação e escrita epistolar*. Op. Cit., p.165.

<sup>65</sup> *Ibid.*, p. 166.

*tanto fala de quem a escreve como revela sempre algo sobre quem a recebe, anunciando a intensidade do relacionamento entre os envolvidos, pois nunca se escreve senão para viver, a fim de fazer frente a uma situação, para explicar, justificar-se, informar, dirigir-se a, apelar, queixar-se, sofrer menos, fazer-se amar, dar-se prazer.*

Mas a autora cai na ilusão comum a alguns biógrafos, de supor uma unidade acima das contradições, como se houvesse a possibilidade de escolher, entre duas faces de uma moeda, abstraindo totalmente as ambigüidades e contradições do personagem, no caso, da condessa de Barral, pautando –se na carta como “a verdade oculta por trás da vida.” Com isso, também se afasta das definições de Foucault,<sup>66</sup> para quem a escrita de si atenuaria os perigos da solidão, oferecendo aquilo que se fez ou “pensou” a um olhar possível. Ela, a carta, não busca o indizível, não revela o oculto e não tem o poder de dizer o não-dito, mas de captar, pelo contrário, o já dito: reunir o que se pôde ouvir ou ler, e isso com uma finalidade que nada mais é que a constituição de si mesmo.

Atrás da unidade da paixão, acima das contradições contidas na escrita dos dois personagens, a meu ver, as oscilações entre amor, amizade e erotismo são ignoradas e não levadas em conta na biografia da condessa.

Através da escrita de si produzida pela condessa e usada para fundamentar a biografia de Del Priore, que a reduz à paixão do imperador, os esboços que ela faz de si própria não parecem ser levados em consideração. Na tentativa de romancear a “paixão” dos dois personagens, a autora transforma suas vidas em algo coeso, menos variável, à moda do romance moderno definido por Antônio Cândido<sup>67</sup>. Para ele,

---

<sup>66</sup> FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos. Vol. IV – Estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2006, p.145.

<sup>67</sup> CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1974, PP.58-59.

*A nossa interpretação dos seres vivos é mais fluida, variando de acordo com o tempo ou as condições da conduta. No romance, podemos variar relativamente a nossa interpretação do personagem; mas o escritor lhe deu, desde logo, uma linha de coerência fixada para sempre, delimitando a curva de sua existência e a natureza do seu modo de ser. Daí ser ela (o personagem) mais lógico, mais fixo do que nós.*

Aprisionados pela “paixão” defendida pela autora, a amizade entre os dois personagens praticamente inexistente na biografia e não pôde ser abordada no seu sentido maior, como espaço intersubjetivo para a prática da existência de cada um. A amizade, a que me refiro é a que Ortega<sup>68</sup> sintetizou do pensamento foucaultiano:

*uma relação com o outro que não tem a forma, nem de unanimidade consensual, nem de violência direta. Trata-se de uma relação agonística, oposta a um antagonismo essencial, uma ‘relação que é ao mesmo tempo incitação recíproca e luta, tratando não tanto de uma oposição frente a frente quando de uma provocação permanente.’ Relações agonísticas são relações livres que apontam para o desafio e para a incitação recíproca e não para submissão ao outro. O poder é um jogo estratégico.*

Se em um determinado momento, tanto a condessa de Barral quanto o imperador passam a ser presas de um discurso amoroso à deriva emitido por eles mesmos, Barthes não nos deixou esquecer o fato de que o discurso de amor acompanha a história de amor, mas sem jamais conhecê-la. Afinal, ele é tecido de desejo, de imaginário e de declarações, girando como um calendário perpétuo, uma enciclopédia da cultura afetiva e não é dialético. Através dele não podemos conhecer a história de amor, pois nem eles mesmos se conhecem.

Apesar do discurso amoroso se encontrar descolado da história de amor, às vezes ele se aproxima bastante da biografia de nossos personagens. Isso, claro, se

---

<sup>68</sup> ORTEGA, Francisco. Estilística da amizade. In: *Retratos de Foucault.*, p.245-263.

entendermos os sujeitos das biografias como sujeitos sujeitados a condições de existências definidas, condições de designação de agentes e condições de exercício. Mas ele é insuficiente como fundamentação principal de uma história de amor mais ainda como único mecanismo para que conheçamos a história de amor.

Enquanto biografia da mulher condessa de Barral ela está totalmente atrelada ao imperador. Segue o princípio da linearidade da História, procurando traçar a vida da condessa de Barral como um caminho que foi percorrido por ela, desde o parto de sua mãe até o término de sua trajetória, com a morte. Entre a perceptível falta de fontes históricas que dêem suporte aos detalhes do parto de sua mãe, a autora opta por descrições históricas exaustivas dos costumes do século XIX. De início incorre em duas questões perigosas : os limites tênues entre história e ficção e a ilusão biográfica do senso comum de buscar um sentido único, linear, cronológico, coerente e com uma determinada finalidade , geralmente fortemente romanceada para a vida.

Com isso a autora se distancia da concepção de Allain Robbe-Grillet,<sup>69</sup> que aponta uma ruptura com essa concepção a partir do romance moderno, “que está ligado a descoberta de que o real é descontínuo, formado de elementos justapostos sem razão, todos eles únicos e tanto mais difíceis de serem apreendidos porque surgem de modo incessantemente imprevisto, fora de propósito, aleatório”.<sup>70</sup>

E ao se deparar com problemas e esquemas psicológicos e comportamentais que colocam o historiador diante de obstáculos documentais muitas vezes intransponíveis, como os atos e pensamentos da vida cotidiana, as dúvidas e incertezas, caráter fragmentário e dinâmico da identidade e os momentos contraditórios da constituição do

---

<sup>69</sup> ROBBE-GRILLET, Allain. *Le miroir qui revient*. Paris: Minuit, 1984, p. 208.

<sup>70</sup> BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e Amado, Janáina (orgs). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p.90.

personagem,<sup>71</sup> a autora simplifica as complexas questões e as substitui por narrativas ficcionais, fantasiosas e autorais, sem deixar claro os limites entre história e ficção, apostando na coerência e estabilidade do personagem condessa de Barral, sempre com o intuito de defender a sua tese da paixão.

Ao se distanciar dos elementos apontados, a meu ver, a autora, posiciona-se claramente à favor das regras do mercado capitalista e da ideologia da indústria cultural, baseada na idéia e na prática de do consumo de “produtos culturais” fabricados em série, como simples mercadorias do capitalismo, conforme a concepção de Horkheimer e Adorno.<sup>72</sup>

Na esteira da arte, o acesso a História também não se democratizou, massificou-se para consumo rápido no mercado editorial e nos meios de comunicação de massa, transformando –se em propaganda e publicidade.

Sob os efeitos da massificação da indústria e consumo culturais, obras biográficas romanceadas, como a de Mary Del Priore, correm o risco, conforme Chauí<sup>73</sup>, de perder três principais características, como: de expressivas, tornarem-se reprodutivas e repetitivas; de trabalho de criação, tornarem - se eventos para consumo e de experimentação do novo, tornarem - se consagração do consagrado pelo consumo.

Sendo assim, como foi criada pela indústria cultural para o “leitor médio”, aos quais são atribuídas certas “capacidades mentais”, certos conhecimentos “médios” e certos gostos “médios”, oferecendo-lhes produtos culturais “médios”. Para seduzir e agradar o leitor médio, devolve-lhe, com nova aparência, o que ele já sabe, já viu, já fez

---

<sup>71</sup> LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e Amado, Janaina (orgs). *Usos e abusos da História Oral. Op. Cit.*, p. 82.

<sup>72</sup> ADORNO, T. W. & HORKHEIMER, Max. O iluminismo como mistificação de massas. In: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da cultura de massa*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

<sup>73</sup> CHAUI, Marilena. *Repressão sexual: Essa nossa (des) conhecida. Op. Cit.*, p. 339.

e com isso reproduz estereótipos, sem a menor preocupação de fazê-lo pensar, ter informações novas ou provocá-lo.

E evidentemente, este tipo de posição ideológica, também nos leva a uma discussão sobre a ética do historiador enquanto profissional e educador.

Primeiro, impossível deixar de lembrar o conceito de atitude crítica, proposto por Michel Foucault. Esta designa a resposta do pensamento às questões colocadas pela atualidade na época em que vive o pensador, razão pela qual ele não pode repetir soluções propostas em outras épocas, já que não se tratam das mesmas questões.

A atitude crítica que Foucault <sup>74</sup> desenvolve na sua investigação, é inseparável da filosofia como atividade e prática. Designa o exercício contínuo de saída das filosofias do sujeito, da neutralidade da verdade, da legitimidade intrínseca do poder, do pensamento daquilo que antes se pensava, a fim de pensar diferentemente.

A autora foge completamente da atitude crítica proposta por Foucault, quando propõe em sua obra, biografar a condessa de Barral, como a suposta amante do imperador, o que já foi feito à exaustão em outras épocas, colocando-se com neutralidade diante dessa “verdade” e transformando a suposta “verdade” em algo neutro.

#### 4. RESULTADOS ESPERADOS

Espera-se que a pesquisa, ao apontar os limites e até mesmo as imposturas éticas cometidas em biografias como a *Condessa de Barral: a paixão do imperador*, de Mary Del Priore, possa promover um debate crítico e devidamente fundamentado sobre questões que seriam relevantes a área da Educação.

---

<sup>74</sup> CANDIOTTO, Cesar. Foucault: uma história crítica da verdade. In: *Trans/Form/Ação*, vol.29,nº. 2, Marília. 2006.



Dividida em três eixos: o Histórico/Filosófico, o gênero Biográfico/ Histórico e a Sexualidade, esta pesquisa pretende obter um texto crítico com demonstrações detalhadas dos episódios narrados pela autora, bem como suas interpretações pessoais e ficcionalizadas, onde não são levados em conta, *primeiro*, a ética do historiador, sua postura política na interpretação dos fatos e fontes, os limites entre a ficção literária e a História e o seu uso como um valor mercadológico e entretenimento de massa.

*Segundo*, a ocorrência intencional da diluição do sujeito histórico que torna confuso os seus limites com o personagem ficcional. E a influência que as diversas vertentes da biografia histórica e suas implicações filosóficas exercem sobre a educação de massas atualmente.

E *terceiro*, a perpetuação de estereótipos e a banalização de questões que envolvem a sexualidade humana como: a utilização do “duplo nó” ou seja, a sedução ao leitor através os institucionalmente “proibido”; a paixão, o amor, o adultério, o erotismo, o papel da mulher e a manipulação de imagens.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FONTES A SEREM PESQUISADAS

- ADORNO, Theodor W. *Teoria da Semicultura*. Disponível na internet via WWW. Url: [http://geocities.com/jneves\\_2000/tadorno.htm](http://geocities.com/jneves_2000/tadorno.htm). Arquivo capturado em outubro de 2009.
- AGUIAR, F., MEIHY, J.C.S.B.E VASCONCELOS, S.G.T. *Gêneros de fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário*. São Paulo: Xamã, 1997.
- ALBERONI, Francesco. *O erotismo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- ALBERONI, Francesco. *Enamoramento e amor*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- ANDERSON, Linda. *Autobiography*. New York: Routledge, 2001.
- ANDREAS-SALOMÉ, Lou. *Reflexões sobre o problema do amor e O erotismo*. São Paulo: Landy Editora, 2005.
- ARAÚJO, Nara. La autobiografía femenina, un género diferente? *Debate feminista*, v.8, nº15, 1997, p. 72-84.
- ARFUCH, Leonor. *El espacio biográfico: dilemas de la subjetividad contemporánea*. Argentina: Fondo de Cultura Económica, 2002.
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- ÁRIES, Philippe e BÈJIN, André (org.). *Sexualidades ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- ÁRIES, Philippe. *História da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- ARISTÓTELES. A amizade. In: *Ética a Nicômanos*. Brasília: UNB, 1991.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BARÃO DE LORETO. *Notícia biográfica da condessa de Barral e de Pedra Branca*. Rio de Janeiro: Tip G. Leuzinger e filhos, 1891.
- BARRAL, Condessa de. *Cartas à suas majestades – 1859-1890*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1977.
- BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARTHES, Roland. *O saber com sabor*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- BENJAMIN, Walter. *Dialética do olhar- o projeto das passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- BITTENCOURT, Circe. (org) *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2006.
- BONAPARTE, Marie. *La sexualidad de la mujer*. Buenos Aires: Editora Paidós, 1964.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e Amado, Janaína (orgs). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p.183-192.
- BRANCO, Lúcia Castello. *O que é erotismo*. São Paulo: Editora brasiliense, 1989.
- BURKE, Peter (org.). *A escrita da história*. São Paulo: UNESP, 1998.
- BURKE, Peter. *A Escola dos Annales: 1928-1989*. São Paulo: UNESP, 1990.
- BURKE, Peter. As fronteiras instáveis entre história e ficção. In, AGUIAR, Flávio; MEIHY, José Carlos Sebe Bom e VASCONCELOS, Sandra Gardini T. (Orgs.) *Gêneros de fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário*. São Paulo: Xamã, 1997.
- CALMON, Pedro. *A vida de D. Pedro II: o rei filósofo*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1975.
- CAMPIGOTO, José Adilçom. Interpretação de textos, de história e de intérprete. *Revista Brasileira de História*. 2003, vol.23, N°46; p.229-252.
- CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1974, PP.58-59.
- CANDIOTTO, Cesar. *Foucault: uma história crítica da verdade*. In: *Trans/Form/Ação*, vol.29, n°. 2, Marília, 2006.
- CARDOSO, Sérgio.(et al.) *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das letras, 1987.
- CARVALHO. Áurea. *A condessa de Barral*. [on line] Disponível na Internet via www. URL: <http://correiodabahia.com.br>. 2004. Arquivo capturado em outubro de 2004.
- CARVALHO, Ana Maria Bulhões de. *A imaginação perigosa sobre a alterbiografia na literatura contemporânea*.
- CARVALHO, José Murilo de. *D. Pedro II*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CERQUEIRA, Carlindo. *Dom Pedro não era amante de Barral*. Rio de Janeiro: 1963, Editora do Exército.
- CHAUÍ, Marilena. *Repressão sexual: esta nossa (des)conhecida*. São Paulo, Brasiliense, 1988.

- CORREIO DA BAHIA. *Herança Filantrópica*. [on line] Disponível na internet via [www](http://www.correiodabahia.com.br). Url: <http://www.correiodabahia.com.br>. 2002. Arquivo capturado em outubro de 2004.
- CORREIO DA BAHIA. *Capitu do segundo reinado*. [on line] Disponível na internet via [www](http://www.correiodabahia.com.br). Url: <http://www.correiodabahia.com.br>. 2002. Arquivo capturado em setembro de 2004.
- CORREIO DA BAHIA. *Paixão outoniça*. [on line] Disponível na internet via [www](http://www.correiodabahia.com.br). Url: [www.correiodabahia.com.br](http://www.correiodabahia.com.br). 2002. Arquivo capturado em setembro de 2004.
- CORREIO DA BAHIA. *Salões parisienses*. [on line] Disponível na internet via [www](http://www.correiodabahia.com.br). Url: <http://www.correiodabahia.com.br>. 2002. Arquivo capturado em setembro de 2004.
- CRAVERI, Benedetta. *Amantes e rainhas: o poder das mulheres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- DE BARRAL, Condessa. *Cartas a Suas Majestades, 1859-1890*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1977.
- DEL PRIORE, Mary. *O príncipe maldito: traição e loucura na família imperial*. Rio de Janeiro: Contexto, 2005.
- DEL PRIORE, Mary. *Condessa de Barral: a paixão do imperador*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- DERRIDA, Jacques. *Mal de Archivo. Uma impressão freudiana*. Madrid: Trotta, 1997, s.n.
- DINIZ, Thaís Flores Nogueira. *E o autor, como é que fica?*
- DUBY, Georges & PERROT, Michelle (org.) *História das mulheres no ocidente: O século XIX*. Vol. IV. Porto & São Paulo: Afrontamento & Ebradil, 1994.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- ENGEL, Odilse Gasselli. *Literatura e história: diálogos na sala de aula*. Caxias do sul. Universidade de Caxias do Sul (Dissertação de Mestrado) 2007.
- EPSTEIN, William H. *Vidas (Pós) Modernas: A abdução do sujeito biografado*.
- FARQUHAR, Michael. *Escândalos reais*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo. *Cadernos Pagu* (17/18), 2001/02, p.35.
- FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janáina (Orgs.) *Usos e abusos da História Oral*. São Paulo: FGV, 1978.

FILLIZOLA, Anamaria e RONDELLI, Elizabeth. Equilíbrio distante: fascínio pelo biográfico, descuido da crítica. In: *Estudos de cultura, mídia e democracia*: Rio de Janeiro, UFRJ, 2001.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II: O cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade III: O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1996.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Portugal: Passagens, 1992.

FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

FROMM, Erich. *A arte de amar*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1960.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método*. 2a ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nádia Batela. (org.) *Prezado senhor, Prezada senhora*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2000

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: 1993, UNESP.

GRANDINO, André. *Sexo ou sexualidade*. Porto Alegre: LP&M, 1987.

HEILBORN, Maria Luísa. *Ciências Sociais e sexualidade*. Disponível na Internet via [www.Url:http://sistema.clam.org.br/biblioteca/files/introducao\\_ciencias\\_sociais\\_e\\_sexualidade.pdf](http://sistema.clam.org.br/biblioteca/files/introducao_ciencias_sociais_e_sexualidade.pdf). Arquivo capturado em junho de 2008.

HERMAN, Eleanor. *Sexo com reis: 500 anos de adultério, poder, rivalidade e vingança*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

HIGHWATER, Jamake. *Mito e sexualidade*. São Paulo: Saraiva, 1992.

HITE, Shere. *O relatório Hite sobre sexualidade masculina*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1991.

HITE, Shere. *O relatório Hite: um profundo estudo sobre a sexualidade feminina*. São Paulo: Círculo do livro, 1991.

JAMESON, Fredric. *O romance histórico ainda é possível?* Novos estudos – CEBRAP, nº.77, São Paulo, Mar. 2007.

JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. Madrid: Siglo veintiuno de España editores & siglo veintiuno de Argentina editores, 2002.

- LIMA, Luiz Costa. *Teoria da cultura de massa*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- KLEIN, Melanie. *Vida emocional dos civilizados*. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.
- KONDER, Leandro. *Walter Benjamin: O marxismo da melancolia*. Rio de Janeiro: Campus, 1988
- LIMA, Isabel Castelo Branco. *A construção freudiana do conceito de sexualidade e a etiologia das neuroses: 1886-1905*. Campinas, São Paulo, 2003 (Doutorado em Filosofia), Universidade Estadual de Campinas.
- MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. *D. Pedro II e a Condessa de Barral através da correspondência íntima do imperador, anotada e comentada*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S/A, 1956.
- MALUF, Marina. *Ruidos da memória*. São Paulo: Siciliano, 1995.
- MANTEGA, Guido. *Sexo e poder*. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- MEAD, Margareth. *Sexo e temperamento*. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- MOZART, Monteiro. *A vida amorosa de D. Pedro II*. Rio de Janeiro: s/d.
- NASCIMENTO, Anna Amélia Vieira. *Uma mulher de espírito, nunca envelhece!* [on line] Disponível na Internet via www. URL: [http:// correiodabahia.com.Br](http://correiodabahia.com.Br). 2002. Arquivo capturado em setembro de 2004.
- NEGRÃO, Esmeralda V. & Amado, Tina. *A imagem da mulher no livro didático: estado da arte*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1990.
- NEVES, A. S. das. As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do “amor confluyente” ou o retorno ao mito do “amor romântico.” *Revista de Estudos Feministas*. Vol.15, nº3, Florianópolis: UFSC, 2007.
- NUNES, César Aparecido. *Desvendando a sexualidade*. São Paulo: Papirus, 1987.
- NUNES, César Aparecido. *Filosofia, Sexualidade e Educação: as relações entre os pressupostos ético-sociais e histórico-culturais presentes nas abordagens institucionais sobre a educação sexual escolar*. Campinas: 1996. (Doutorado em Educação) – Área de Filosofia da Educação. Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
- ORTEGA, Francisco. Estilística da amizade. In: *Retratos de Foucault.*, p.245-263.
- OVÍDIO, 43 aC - 17d.C. *A arte de amar*. Porto Alegre: L&PM, 2001.
- PARKER, Richard G. *Corpos, prazeres e paixões*. São Paulo: Best Seller, 1991.
- PARKER, Richard. Diversidade sexual, análise sexual e educação sobre Aids no Brasil. In: LOYOLA, M.A. (org.) *Aids e sexualidade: o ponto de vista das ciências humanas*. Rio de Janeiro, Relume Dumará: UERJ, 1994, p.141-159.

- PENA, Felipe. *Teoria da biografia sem fim*. Rio de Janeiro: Mauad, s/d.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos da História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2005.
- PINÃ, Carlos. Sobre la naturaleza Del discurso autobiográfico. *Anuário Antropológico*, n° 88, 1991, p. 95-126.
- PINHO, Wanderley. *Salões e damas do segundo reinado*. São Paulo: Livraria Martins - Editora, 1942.
- PLATÃO. *Apologia de Sócrates e o Banquete*. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- POMPÉIA, Raul. *As jóias da coroa*. São Paulo: Nova Alexandria, 1997.
- RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. *Cultura histórica em debate*. São Paulo: UNESP, 1995.
- REED, Evelyn. *Sexo contra sexo ou classe contra classe*. São Paulo: Proposta Editorial, 1980.
- REBOUÇAS, Mônica. *Sobre a sexualidade em Freud*. Disponível na Internet via www. Url: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/cogito/v4/v4a04.pdf>. Arquivo capturado em junho de 2008.
- REICH, Wilhem. *A função do orgasmo*. 15ª edição, São Paulo: Brasiliense, 1989.
- REICH, Wilhem. *A revolução sexual*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- ROQUETE, J. J. *Código do Bom-Tom ou Regras da civilidade e bem viver no século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ROSENTHAL, Gabriele. A estrutura e a *gestalt* das autobiografias e suas conseqüências metodológicas.
- ROUGEMONT, Denis de. *História do amor no ocidente*. São Paulo: Ediouro, 2003.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emilio ou Da educação*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S/A, 1992.
- RUSSO, Sérgio O. *Nas fronteiras do desconhecido*. Rio de Janeiro: Tecnoprit, 1991.
- SAINT- GEORGES. *La contesse de Barral et Pedra Branca*. Paris: 1891, Revue Mensuelle du monde latin.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SIMÕES, Ricardo Japiassu. *O escândalo das jóias: o imperador e a condessa de Barral em folhetins cariocas*. São Paulo: USP, 1995, Dissertação de Mestrado.

- SOARES, Jô. *O xangô de Baker Street*. São Paulo: Companhia das letras, 1995.
- STELLE, Valerie. *Fetichismo: Moda, sexo & poder*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- STENDHAL. *Do amor*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- STOLLER, Robert. *Masculinidade e feminilidade: Representações de gênero*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- VANCE, C. S. A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. *Physis. Revista de Saúde Coletiva*. vol.5, nº1, p.7-31. IMS/UERJ: Relume-Dumará.
- VASCONCELOS, Naumi. *Os dogmatismos sexuais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.
- WERNECK, Maria Helena. *O homem encadernado: Machado de Assis na escrita das biografias*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.



## 6. RESULTADOS ESPERADOS

Espera-se que a pesquisa, ao apontar os limites e até mesmo as imposturas éticas cometidas em biografias como a *Condessa de Barral: a paixão do imperador*, de Mary Del Priore, possa promover um debate crítico e devidamente fundamentado sobre questões que seriam relevantes a área da Educação.

Dividida em três eixos: o Histórico/Filosófico, o gênero Biográfico/ Histórico e a Sexualidade, esta pesquisa pretende obter um texto crítico com demonstrações detalhadas dos episódios narrados pela autora, bem como suas interpretações pessoais e ficcionalizadas, onde não são levados em conta, *primeiro*, a ética do historiador, sua postura política na interpretação dos fatos e fontes, os limites entre a ficção literária e a História e o seu uso como um valor mercadológico e entretenimento de massa.

*Segundo*, a ocorrência intencional da diluição do sujeito histórico que torna confuso os seus limites com o personagem ficcional. E a influência que as diversas vertentes da biografia histórica e suas implicações filosóficas exercem sobre a educação de massas atualmente.

E *terceiro*, a perpetuação de estereótipos e a banalização de questões que envolvem a sexualidade humana como: a utilização do “duplo nó” ou seja, a sedução ao leitor através os institucionalmente “proibido”; a paixão, o amor, o adultério, o erotismo, o papel da mulher e a manipulação de imagens.

## ANEXO 2 : Estudos Literários IV

# Estudos Literários IV

**8º**

**Período**

*Tânia Regina Oliveira Ramos*  
*Gizelle Kaminski Corso*

## **Governo Federal**

Presidente da República: Dilma Vana Rousseff

Ministro da Educação: Fernando Haddad

Coordenador da Universidade Aberta do Brasil: Celso José da Costa

## **Universidade Federal de Santa Catarina**

Reitor: Alvaro Toubes Prata

Vice-Reitor: Carlos Alberto Justo da Silva

Secretário de Educação a Distância: Cícero Barbosa

Pró-Reitora de Ensino de Graduação: Yara Maria Rauh Müller

Pró-Reitora de Pesquisa e Extensão: Débora Peres Menezes

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Maria Lúcia de Barros Camargo

Pró-Reitor de Desenvolvimento Humano e Social: Luiz Henrique Vieira da Silva

Pró-Reitor de Infra-Estrutura: João Batista Furtuoso

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis: Cláudio José Amante

Centro de Ciências da Educação: Wilson Schmidt

## **Curso de Licenciatura Letras-Português na Modalidade a Distância**

Diretora Unidade de Ensino: Felício Wessling Margotti

Chefe do Departamento: Izabel Christine Seara

Coordenadoras de Curso: Roberta Pires de Oliveira e Zilma Gesser Nunes

Coordenador de Tutoria: Renato Miguel Basso

Coordenação Pedagógica: LANTEC/CED

Coordenação de Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem: Hiperlab/CCE

## **Comissão Editorial**

Tânia Regina Oliveira Ramos

Izete Lehmkuhl Coelho

Mary Elizabeth Cerutti-Rizzati



## **Equipe de Desenvolvimento de Materiais**

### **Laboratório de Novas Tecnologias - LANTEC/CED**

Coordenação Geral: Andrea Lapa

Coordenação Pedagógica: Roseli Zen Cerny

### **Produção Gráfica e Hiperídia**

**Design Gráfico e Editorial:** Ana Clara Miranda Gern; Kelly Cristine Suzuki

**Coordenação:** Cristiane Barbato Amaral, Talita Ávila Nunes

**Adaptação do Projeto Gráfico:** Laura Martins Rodrigues, Thiago Rocha Oliveira

**Diagramação:** Camila D'Ávila, Grasielle Pilatti, João Paulo Battisti de Abreu

**Figuras:** Angelo Bortolini, Cristiane Barbato Amaral

**Capa:** Gustavo Sagás Magalhães

**Tratamento de Imagem:** Cristiane Barbato Amaral, Raysa Spaniol

**Revisão gramatical:** Renata de Almeida

### **Design Instrucional**

**Coordenação:** Isabella Benfica Barbosa

**Designer Instrucional:** Daiana da Rosa Acordi

### **Colaboradores**

Ana Maria Alves de Souza, Daniel Soares Duarte, Jade Gandra Martins, Vanessa Gandra Martins

*Copyright © 2011, Universidade Federal de Santa Catarina/LLV/CCE/UFSC*

*Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Coordenação Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras-Português na Modalidade a Distância.*

*Catálogo na fonte elaborada na DECTI da Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina.*

### **Ficha Catalográfica**

E82 Estudos literários IV : literaturas de expressão portuguesa e outras linguagens - Tânia Regina Oliveira Ramos, Gizelle Kaminski Corso - Florianópolis : LLV/CCE/UFSC, 2011. 149p. : il.

Inclui bibliografia

UFSC. Licenciatura em Letras Português na Modalidade a Distância

ISBN XXXX

1. Literatura portuguesa – Estudo e ensino. 2. Literatura – Inovações tecnológicas. 3. Linguagem. I. Ramos, Tânia Regina Oliveira. II. Gizelle Kaminski Corso

CDU: 869.0:37

# Sumário

Unidade A - Poéticas do olhar .....	9
1 Para além do livro.....	11
2 As imagens e a literatura ou Estudos literários/visualidade .....	31
Unidade B - Poéticas do gesto .....	47
3 Teatro: uma potência milenar ou Estudos literários/teatro .....	49
Pensemos em primeiro lugar na força da trama .....	50
4 A literatura <i>incorporada</i> ou Estudos literários/performance .....	75
5 O cinema e as adaptações ou Estudos literários/adaptações cinematográficas.....	79
Unidade C - Poéticas dos sentidos .....	95
6 Literatura e oralidade ou Estudos literários/oralidade .....	97
7 Em busca do som ou Estudos literários/música.....	107
8 Formas da memória ou Estudos literários/memória.....	121
Encontro final - Literatura e outras linguagens .....	131
9 O texto literário e as pluralidades poéticas .....	133
Referências.....	141
Referências das figuras.....	147

## Apresentação

**E**sse é o último livro-texto de Estudos Literários de nosso Curso de Letras. Um livro que procurará mostrar o diálogo da literatura com outras linguagens. Um livro para o qual fizemos escolhas e procuramos dialogar com outros leitores dessas tantas linguagens: Ana Maria Alves de Souza, formada em Artes Plásticas; Daniel Soares Duarte, formado em Letras e músico; Jade Gandra Dutra Martins, jornalista e especialista no teatro de Nelson Rodrigues; e Vanessa Dutra Martins, historiadora e especialista na linguagem das correspondências. Ana Maria é Mestra em Antropologia e Literatura; Daniel é Mestre e Doutorando em Literatura; Jade e Vanessa, Doutoradas em Literatura. Fizemos questão que cada um deles contribuísse com o nosso conhecimento e o conhecimento de vocês. Gente que faz.

Qual o objetivo dessa disciplina? Projetar a futura prática como docentes, como profissionais e como leitores para essas outras linguagens. Formados em Letras, professores, deverão estar abertos para essas novas linguagens. Na medida em que nossos olhos se voltam para o século XXI, é preciso que os estudos literários se voltem para a estética das novas tecnologias, para a música, para o cinema, para as artes plásticas, para o teatro, para a memória, para a oralidade. Se a estética tem um papel tão dominante no pensamento moderno, isto resulta, em parte, da versatilidade do conceito. Preferimos aqui ler a ideia mesma do mundo como artefato.

Na relação estética e modernidade, que norteou o nosso olhar sobre as coisas ditas, o que se revelou mais do que a necessidade de procurar o oculto foi a facilidade de adentrar o simbólico. Lendo deste lugar, verificamos com grata surpresa o quanto os estudos literários, em diálogo com outras linguagens artísticas, tornam-se uma audaciosa tentativa de ler o moderno e a modernidade, ou reler a tradição, para caracterizar produtos culturais de certas formas díspares na sua caracterização estética. Ou não seriam tão diferentes assim? Por que não considerarmos os atos da vida social como obras-de-arte? Literatura, artes plásticas, música, cinema, textos memorialísticos, fotografia, correspondência, dramaturgia, convive(ra)m harmonicamente sem fronteiras e reconhecendo os limites de suas representações.

Para você, leitora, leitor, uma oportunidade de olhar diferente por diferentes olhares. Pretendemos aguçar em você uma percepção mais atenta, sensível,

perspicaz, mas não menos crítica, nas relações (in)findáveis que a literatura estabelece com as outras linguagens. E, para que esse percurso ocorra de maneira proveitosa e eficiente, elaboramos nove capítulos que problematizam, discutem, evidenciam algumas dessas relações que aqui denominamos: Poéticas do olhar, Poéticas do gesto, Poéticas dos sentidos, divididas – mas não encerradas, estagnadas – e definidas por aquilo que lhes é primeiramente predominante: o olhar, o gesto, o sentido. Em Encontro final – Literatura e outras linguagens, apresentamos uma leitura de um livro contemporâneo que procura mostrar a possibilidade de usarmos esta poética dos sentidos nos estudos literários. Um número ímpar de possibilidades, de relações, de liames, de emaranhamentos.

*Tânia e Gizelle*



ANEXO 3: Certificado de apresentação da comunicação: Diálogos entre História e Literatura: a escrita epistolar como recurso de construção do passado, no Simpósio de Estudos sobre ficção histórica: origem e desenvolvimento, no XII Congresso Internacional da ABRALIC.



## CERTIFICADO

A Associação Brasileira de Literatura Comparada certifica, para os devidos fins, que

VANESSA GANDRA DUTRA MARTINS

apresentou a comunicação

DIÁLOGOS ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA: A ESCRITA EPISTOLAR COMO RECURSO DE  
CONSTRUÇÃO DO PASSADO com a autoria de: VANESSA GANDRA DUTRA MARTINS,  
VANESSA GANDRA DUTRA MARTINS

no simpósio

ESTUDOS SOBRE FICÇÃO HISTÓRICA: ORIGEM E DESENVOLVIMENTO

no XII Congresso Internacional da ABRALIC, realizado de 18 a 22 de julho de 2011, na  
Universidade Federal do Paraná, em Curitiba - PR, Brasil.

## Diálogos entre história e literatura: a escrita epistolar como recurso de construção do passado

Vanessa Gandra Dutra Martins<sup>1</sup>

Pós-doutoranda em literatura (UFSC) e Educação (UNICAMP)

### Resumo:

Este ensaio, através da abordagem da correspondência entre D. Pedro II e a Condessa de Barral, propõe a rediscussão de algumas possibilidades e limites da escrita epistolar a partir das posturas epistemológicas que diluam fronteiras e em parte, relativizem a dualidade verdade/ficção, real/não-real, ciência e arte, percebendo-a como uma narrativa autoral e subjetiva, como espaço discursivo de sujeitos que fabricam e esboçam um discurso ficcional sobre si e sua relação consigo mesmos aos olhos de outro, privilegiando mais as suas impressões do que as ações, bem como as interferências de suas almas e de seus corpos do que os acontecimentos exteriores, no sentido foucaultiano, ampliando assim a sua interpretação/utilização e contribuindo para uma maior aproximação entre história e literatura.

**Palavras-chave:** história, literatura, escrita epistolar, fonte histórica, correspondência.

### Abstract:

This essay, through the study of the correspondence between the Emperor of Brazil D. Pedro, The Second and The Countess of Barral, proposes a renewed discussion of some possibilities and limits of epistemological writing in their letters, from the pertinent concepts that can dilute boundaries and partly relativize the duality pairs: truth / fiction, real / unreal, science and art, realizing them as an authorial and subjective narrative like as discursive space of persons that produce a fictional discourse about themselves and their own self relationships, even under the eyes of another person, favoring more their own impressions than their actions, as well as the interferences of their souls and bodies over the external events, in the Foucauldian sense, thus expanding their interpretation/use and contributing to a closer relationship between History and Literature.

**Keywords:** history, literature, epistemological writing, historical sources, correspondence.

A utilização das cartas pessoais e íntimas pela historiografia, após a crise de paradigmas se constitui uma questão delicada na fronteira entre história e literatura. Se o historiador está preso às fontes, estas fontes também não são o acontecido, mas pistas ou rastros para chegar a este. Se são discursos, são representações discursivas sobre o

---

<sup>1</sup> Vanessa Gandra Dutra Martins, pós-doutoranda em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no Centro de Comunicação e Expressão e Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), na área de Filosofia e História da Educação, CPG/FE.

que se passou; se são imagens, são também construções, gráficas ou pictóricas, por exemplo, sobre o real. Assim, os traços que chegam do passado possuem uma condição dúbia: de um lado, são restos, marcas de historicidade; de outro, são representações de algo que teve lugar no tempo. O que faz com que os historiadores necessitem de um constante exercício de aproximação e distanciamento entre história e literatura. E literatura contribui muito para o olhar particular do historiador diante da representação de algumas fontes. Este artigo procura demonstrar a possibilidade da utilização da escrita epistolar como fonte histórica e sob a perspectiva das teorias literárias através de uma experiência com a correspondência entre D. Pedro II e a Condessa de Barral realizada por mim no Programa de Doutorado em Literatura, na Universidade Federal de Santa Catarina.

Primeiro, partiu-se do ponto em que é necessário afastar-se dos conceitos formados por Aristóteles na Poética, de que a literatura seria um discurso privilegiado de acesso ao imaginário das diferentes épocas, o discurso sobre o que poderia ter acontecido, e a história seria a narrativa dos fatos verídicos do passado. Assim, mesmo levando em conta que a história *também* é uma narrativa portadora de ficção, mas <sup>ao contrário do escritor,</sup> o historiador não *cria* o traço no seu sentido absoluto, ele os « descobre », os converte em fonte e lhes atribui significado. Em sua ficção controlada pelo uso dos arquivos e fontes o historiador objetiva atingir o real acontecido imposto pelos rigores do método – a testagem, comparação e cruzamento – e sua versão do passado deve, hipoteticamente, poder “comprovar-se” e ser submetida à testagem, pela exibição das fontes, bibliografia, citações e notas de rodapé, como que a convidar o leitor a refazer o caminho da pesquisa se duvidar dos resultados apresentados. O texto, por sua vez, deve convencer o público leitor. O uso dos conceitos, das palavras, a construção de argumentos devem ser aceitos, colocando-se no lugar do ocorrido, em explicação satisfatória.

Em segundo, procurou-se afastar-se da linearidade histórica optando –se por uma contextualização da modernidade, onde se desenrolou a correspondência entre os nossos personagens históricos, Condessa de Barral e D. Pedro II. E focou-se exclusivamente nos sujeitos, tentando destacar como eles se constroem através da correspondência no seu dia a dia, como se mostram e se narram aos olhos do outro, quais as suas impressões relatadas e como era a dinâmica dessa fala. Sem preocupação

em procurar dados na correspondência para fundamentar o que se escreveu sobre os dois personagens históricos até hoje, já que se tem a consciência de estar trabalhando com subjetividades e imaginário. Evidentemente que gostaríamos de detectar, ao final do trabalho, os pontos onde elas se tocam com a chamada « realidade » da história brasileira e com tudo o que foi exaustivamente narrado sobre os dois ao longo da historiografia.

Em vez de utilizar as cartas como « ilustração » de uma realidade já escrita ou de procurar « escavar verdades ainda não narradas sobre elas » (que seria o mesmo que escavar verdades sobre os dois ou sobre a história brasileira), optou-se por deixar a correspondência « falar » e para que adquira visibilidade dividiu-se o trabalho de maneira em que a *primeira parte* procura analisar as relações entre a escrita epistolar, a construção e a transformação de si, no sentido foucaultiano, efetuada entre os nossos dois personagens ao longo do relacionamento « epistolar » de quase quarenta anos.

E a *segunda parte* ocupa-se de uma certa ambiguidade percebida na correspondência, que mesclaria sentimentos de amizade, erotismo e amor. Elementos que trazidos à tona foram inseridos no quadro de suas significações históricas e culturais, como produtos sociais e discursivos que são. Diante da abstração de sentimentos, muitas vezes não « falados » pelos personagens, escolheu-se Roland Barthes para auxiliar na captação do discurso fragmentado de amor, que é tecido de desejo, imaginário, que representa uma enciclopédia da nossa cultura afetiva e não é dialético. Gira como um calendário perpétuo e não tem o poder de, por si, revelar a história de amor « real ». Assim tratou-se de captar esse discurso, sua beleza, a lamúria da impossibilidade, sua resignação a um estado dramático, por vezes triste, por outras eufórico e bastante erótico, se entendido a partir do conceito freudiano, como um impulso, prazer, um desejo de união, de se unir aos objetos do mundo, mas que tanto pode levar à paixão por outro quanto à paixão mística ou a uma expressão artística.

A ambiguidade erotismo/ amizade recebeu visibilidade a partir da concepção de Alberoni<sup>2</sup>, que defende a idéia de que ao surgir na amizade, o erotismo, a princípio é apenas um acréscimo ou um desejo de conhecer melhor o outro, já que somente a

---

<sup>2</sup> ALBERONI, Francesco. *O erotismo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 169.

intimidade erótica seria capaz de revelar aspectos desconhecidos e profundos da pessoa. A amizade, então, nesses casos, geraria uma confiança e um abandono tranquilo.

Nessa exposição mútua através do ato de escrever, onde é possível fazer aparecer o seu próprio rosto perto do outro como aponta Foucault<sup>3</sup>, a carta é também uma narrativa de si e uma narrativa da relação consigo mesmo. Nela é possível destacar, segundo Foucault, três elementos estratégicos: as interferências da alma e do corpo (as impressões mais do que as ações), as atividades do lazer (mais do que os acontecimentos exteriores) e o corpo e os dias.

A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente – aconselhá-lo, exortá-lo, admoestá-lo, consolá-lo – constituiria uma maneira de se treinar: tal como os soldados se exercitam no manejo das armas em tempo de paz, também os conselhos que são dados aos outros na medida da urgência da sua situação constituiriam uma maneira de se preparar a si próprio para eventualidade semelhante.

O texto pertencente ao gênero da “consolação” ofereceria ao correspondente, segundo Foucault<sup>4</sup>, as armas “lógicas” com as quais lutar contra o desgosto. Desempenha o papel de princípio reativador tanto para quem a escreve como para quem ela é enviada: *reativação de todas as razões que permitem ultrapassar o luto e persuadir - se que a morte não é uma desgraça (nem a alheia nem a própria). A *consolatio* que deve auxiliar e corrigir um, é, ao mesmo tempo, uma *praemeditatio* útil para o outro. A escrita que ajuda o destinatário, arma o escritor e eventualmente os terceiros que a leiam.*

A *consolatio* se manifesta pela primeira vez na correspondência do imperador e da condessa, em 23 de abril de 1868<sup>5</sup>, por ocasião da morte do conde de Barral, marido da condessa e através de um trecho da escrita do imperador:

Condessa

Há certos desgostos que só o tempo pode minorar; contudo é dever do amigo dizer que os partilha. Ainda me custa a acreditar que não existe o bom do Conde, a quem tanto prezei, e, pedindo a Deus que dê forças à Condessa para continuar sua doce tarefa de educação de seu filho, a quem ainda mais estimo, se é possível, depois da perda

<sup>3</sup> FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos*. São Paulo: 1983, p.156

<sup>4</sup> *O que é um autor?* Portugal: Passagens, 1992, p.147.

<sup>5</sup> MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. *D. Pedro II e a Condessa de Barral através da correspondência íntima do imperador, anotada e comentada*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1956, p. 134.

que sofreu, não posso deixar de exprimir-lhe quanto desejaria que sua volta e a de seu filho à terra de seu nascimento, e onde tenho fé que um belo futuro espera a seu filho pudesse trazer-lhe o conforto na sua dor. Escuso manifestar-lhe o prazer que a todos causaria essa sua resolução (...) (MAGALHÃES JÚNIOR, 1956, p. 134)

Em maio do mesmo ano uma nova carta<sup>6</sup> do imperador sugere que ele pretende transcender a *consolatio* no sentido de oferecer as armas lógicas para que ela lute contra o desgosto. Ele tenta agora oferecer argumentos que lhe parecem lógicos e que tenham o poder de operar uma mudança em sua vida e na do filho Dominique. Ao mesmo tempo percebe-se que o seu desejo em operar uma mudança radical na vida da condessa a traga para perto de si.

Condessa

Não sei como lhe agradecer a regularidade com que tem escrito a quem, aliás, tanto a estima e estimava o Conde, no meio do desgosto que lhe causou a morte d'ele. Contudo creio que me relevará o dar-lhe conselhos sobre o feiticeiro de seu filho, que naturalmente ainda mais prezo depois da perda de seu pai.

Dominique nasceu no Brasil, sua mãe e a família d'esta é brasileira, portanto chegando ele à maioridade, não declarará que prefere ser francês, o que aliás poderia fazer mesmo achando-se aqui. Tem talento, sua família é justa e geralmente estimada no Brasil; as carreiras têm menos concorrentes aqui; as qualidades de Dominique o tornarão decerto sempre digno de proteção que não lhe será negada, logo onde convirá mais que ele conclua sua educação? Aqui responderei eu, e no Colégio de Pedro 2º- veja o que diz Agassiz<sup>7</sup> desse estabelecimento – a terá completa e inteiramente brasileira até entrar em qualquer das casas superiores. Que faria eu, pois, no caso da condessa? Voltaria ao Brasil no fim do curso de 1869 e estaria Dominique preparado para entrar no Colégio de Pedro 2º no ano que o adiantamento de seus estudos permitisse. (...) Creio que é uma carta sofrível; mas, se tivesse tempo, mais conversaria. Adeus! Seu afeiçoado D. P. (MAGALHÃES JÚNIOR, 1956, p.135)

Aqui a *consolatio* tanto do imperador quanto da condessa se tocam com os fatos da “realidade” vivida pelos dois.

---

<sup>6</sup> MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. *D. Pedro II e a Condessa de Barral através da correspondência íntima do imperador, anotada e comentada*. Op. cit., p. 135.

<sup>7</sup> Jean Louis Rodolphe Agassiz, naturalista e geólogo suíço, radicado nos Estados Unidos e professor da Universidade de Harvard. É colaborador do livro “Viagem ao Brasil” (1865-1866) juntamente com sua mulher Elizabeth Cabot Cary.

Em uma outra carta, escrita pela Condessa o princípio reativador, contido e apontado por Foucault, é ressaltado. Percebe-se no trecho da carta a seguir, escrita após a rendição de Napoleão III, na decadência do seu império, em 1870, em plena fuga dos nobres que tentaram atravessar o canal da Mancha para se refugiarem na Inglaterra que a Condessa de Barral narra as atribulações vividas, ao mesmo tempo em que reativa todas as razões que lhe permitem ultrapassar as intempéries e prosseguir com o que ela entende por dignidade. Ao mesmo tempo ela oferece aos imperadores as suas armas particulares para lutar contra eventuais e futuros contratemplos, e oferece um olhar de si mesma reativado, onde os valores que mais preza são evidenciados como a coragem, o destemor, a fidelidade aos amigos, os deveres maternos, o amor à arte e a ciência e a admiração por quem tem coragem de defender e até morrer por seus manuscritos preciosos. É esse o sujeito que ela reconstrói permanentemente na correspondência e o expõe ao imperador.

A correspondência não deve ser encarada como um prolongamento da prática dos *hypomnemata*. Foucault<sup>8</sup> a classifica como algo mais que um adestramento de si próprio pela escrita, por intermédio dos conselhos e opiniões que se dão ao outro: ela se constitui também de uma certa maneira que cada um tem de se manifestar a si próprio e aos outros. Ela tem o poder de fazer o escritor “presente” àquele a quem a se dirige. E o escritor não está presente apenas pelas informações que lhe dá acerca da sua vida, das suas atividades, dos seus sucessos e fracassos, das suas venturas e infortúnios, estaria presente de “uma espécie de presença imediata e quase física. A carta proporciona um tipo de face-a-face e uma reciprocidade que não se restringe ao simples conselho ou ajuda; é ela a do olhar e do exame.

A carta, continua Foucault, na sua qualidade de exercício, labora no sentido da subjetivação do discurso verdadeiro, da sua assimilação e da sua elaboração como “bem próprio”, constitui também ao mesmo tempo uma objetivação da alma. Por meio dela abre-se ao olhar dos outros e instala-se o correspondente no lugar do deus interior. O trabalho que a carta opera sobre o destinatário e escritor implica uma “introspecção” no sentido de uma decifração de si por si, mas principalmente como uma abertura de si mesmo que se dá ao outro.

---

<sup>8</sup> FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Op. Cit., p. 149-150.



igual a todos os outros, atestando assim, a qualidade de um modo de ser. É como “viver sob o olhar de outrem sem nada ter a esconder”. Quando a carta faz a narrativa de um dia vulgar, nela evoca o muito útil hábito de “passar em revista o seu dia”, é o exame de consciência aos moldes dos pitagóricos, epicuristas e estóicos. Um exercício mental de memorização com o objetivo de se constituir como inspetor de si mesmo e avaliar as faltas comuns e reativar as regras de comportamento que é preciso ter sempre no espírito. Todo o conjunto de sutis informações sobre o corpo, a saúde, as sensações físicas, o regime e os sentimentos mostram a extrema acuidade de uma atenção vivamente concentrada em si próprio.

Nada de novo a não ser sua carta tão boa de 14 do passado. Como saborearíamos o jantarinho bem perto um do outro para conversarmos à nossa vontade! Saiba ao menos que seu amigo lhe quer sempre o mesmo e que suas cartas o alegram neste deserto que nem d’ele tem o sossego o outro. (Magalhães Junior, 1956, p. 305)

Ao escolher o discurso que narraria o descontentamento pela ausência das cartas da condessa, o imperador, cuidadoso, muito se parece com o « homem sedutor » apontado por Alberoni,<sup>15</sup> pois consegue revelar o seu desejo, mas sempre com o cuidado de colocar em primeiro lugar o desejo da mulher, afastar-lhe os medos e a levar a realizar o que a fez fantasiar.

Condessa

Hoje deixo a Itália sentindo que você não a tivesse percorrido em minha companhia. Felizmente d’aqui há um mês estarei aí e se você quiser que de boas conversas teremos! Creia que as saudades crescem todos os dias – o mato custa a romper – e muita falta me têm feito suas cartas que julgava seriam freqüentes à medida que eu me aproximasse. Quem sabe se hoje não chegará uma: porque você agora escreve - me, - vá lá uma francesice! – *à tour de role*<sup>16</sup>. Adeus! (...) Seu e sempre seu P. (MAGALHÃES JUNIOR, 1956, p. 236)

Junto do elemento erótico contido nas cartas há nuances de amor que intensificam - se em seus discursos nos nove últimos anos de suas vidas. Por eles apenas

<sup>15</sup> ALBERONI, Francesco. *O erotismo. Op. Cit.*, p. 87.

<sup>16</sup> Por turnos

Há alguns pontos estratégicos, colocados por Foucault<sup>9</sup>, que com o correr do tempo vão tornar-se os objetos privilegiados do que se poderia chamar a escrita da relação de si: *as interferências da alma e do corpo* (mais as impressões que as ações) e os *lazer*s (mais do que acontecimentos externos); o corpo e os dias.

As notícias da saúde, que fazem tradicionalmente parte da correspondência e ao poucos adquirem a dimensão de uma descrição detalhada das sensações corpóreas, das impressões de mal-estar, das diversas perturbações que se experimentou. Outras vezes se trata de lembrar os efeitos do corpo sobre a alma. A ação exercida ela alma em retorno, ou a cura do corpo pelos cuidados prestados à alma. Ambas são objetos privilegiados nas cartas do imperador e da condessa

Escreve o imperador<sup>10</sup> sobre o seu mal-estar, enaltecendo os cuidados:

(...) A saúde é boa apesar d'uma tosse manhosa que irei curando com pastilhas de Napé. (..)

Em outros momentos<sup>11</sup> é a saúde da condessa que lhe desperta preocupações:

(...) Como estará de suas dores de cabeça?<sup>12</sup> (...) (MAGALHÃES JUNIOR, 1956, p.53)

Alguns trechos da correspondência chamam a atenção pelo prazer que tanto um quanto o outro sentem diante de certos lazeres e pela forma que expressam essas impressões. Em carta/diário de abril de 1882 escreve a condessa<sup>13</sup>:

(...) Cheguei a Paris às 11 h. da manhã com 24 horas de caminho de ferro o que é tremenda esfrega sobretudo porque a *riviera di ponente*<sup>14</sup> é tão bonita que não se quer dormir e que vim sempre de óculos no nariz admirando, e de ventas dilatadas cheirando as belas flores.(...) (MAGALHÃES JUNIOR, 1956, p. 305)

Assim, constantemente os dias são revisados e expostos, não por sua excepcionalidade, mas com destaque nas impressões de cada um sobre o comum e o desejo de compartilhá-lo com o outro. Relatar o seu dia e não por causa da importância dos acontecimentos, mas justamente na medida em que eles nada têm para deixar de ser

<sup>9</sup> FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Op. Cit., p. 153-159.

<sup>10</sup> MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. *D. Pedro II e a Condessa de Barral através da correspondência íntima do imperador, anotada e comentada.* Op. Cit., p. 53.

<sup>11</sup> *Ibid.*, p.51.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p.68.

<sup>13</sup> MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. *D. Pedro II e a Condessa de Barral através da correspondência íntima do imperador, anotada e comentada.* Op. Cit., p. 206.

<sup>14</sup> Riviera Ocidental

Contrariando a carta como “prova” histórica apontada pela historiadora Mary Del Priore, lembramos que Barthes nos alertou que o discurso amoroso é um solilóquio, o aparte, que acompanha a história sem jamais conhecê-la. E as cartas são documentos agonísticos, que tensionam as fronteiras entre exibir-se X ocultar-se; presença X ausência; distância X proximidade; oralidade X escrita; realidade X ficção. É um gênero móvel e fluido em suas estratégias de linguagem e em seus limites discursivos.

Como já afirmamos, a escrita epistolar permite ao indivíduo criar uma literatura de si, e essa literatura é tão transgressiva quanto aquela que objetiva transpor os limites da linguagem, pois se trata de reinventar a si mesmo, de transpor o limite do que somos no espaço do “entre.” Assim, as cartas produzem uma literatura de si que torna visíveis dois aspectos importantes: o caráter intersubjetivo/dialógico da produção da subjetividade e exibem especialmente o estatuto ético e estético da fabricação de si.

Esse aspecto estético da escrita epistolar é entendido a partir de Baumann<sup>20</sup>, que utiliza a noção de “esboço de si” para destacar o caráter de auto-estilização da correspondência, onde um eu “forma”, um eu “acontecimento”, um eu “como tarefa a ser realizada”, um eu “versátil que se constitui como ficção” em e mediante o ato de escrever.

Dessa forma, pode-se afirmar que as literaturas de si produzidas pela condessa e pelo imperador, são esboços de si mesmos e desvelam o “eu” como uma forma plástica que se esculpe no espaço intersubjetivo da correspondência.

### Referências Bibliográficas

- ALBERONI, Francesco. *O erotismo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- BARTHES, Roland. *Fragments de um discurso amoroso*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAUMANN, Gerhart. In: ORTEGA, Francisco. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- DEL PRIORE, Mary. *Condessa de Barral: a paixão do imperador*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos*. São Paulo: 1983.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Portugal: Passagens, 1992.
- MAGALHÃES JR. Raimundo. *D. Pedro II e a condessa de Barral*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1956, 436p.
- MARTINS, Vanessa Gandra Dutra. *Pedro e Luísa – construções de si: a escrita epistolar de D. Pedro I e da Condessa de Barral*. Florianópolis: 2009. Tese de Doutorado. (Doutorado em Literatura) – Centro de Ciências da Comunicação e Expressão. Universidade Federal de Santa Catarina.

---

<sup>20</sup> BAUMANN, Gerhart. Apud. ORTEGA, Francisco. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

julgou-se impossível conhecer uma história romântica “real”, pois pouco é falado a não ser o que se passa no universo da subjetividade, das impressões, dos sentimentos e dos desejos. Discurso rico que foi, em parte, caracterizado categoricamente por dois historiadores como entediante e como “prova irrefutável” do suposto adultério do imperador.<sup>17</sup>

Focando-se no discurso, percebeu-se que o “tédio” da estrutura dominante das cartas nesse período assemelha-se muito à dialética particular que Barthes<sup>18</sup> captou do discurso amoroso. Uma escrita vazia (codificada) e expressiva (carregada da vontade de significar desejo) que contém mais ou menos os mesmos elementos das cartas escritas pelo jovem Werther<sup>19</sup> a sua amada Charlotte, personagens de Goethe.

Para ele, quando Werther (em exercício junto ao embaixador) escreve a Charlotte, sua carta obedece ao seguinte plano: 1. Que alegria pensar em você! 2. Encontro-me aqui num meio mundano, e, sem você, sinto-me sozinho; 3. Encontrei alguém (a senhorita B...) que se parece com você e com quem posso falar de você; 4. Faço votos de que nos possamos reunir. – Uma única informação é variada, ao modo de um tema musical: *penso em você*. Que quer dizer isto, ‘pensar em alguém’? Quer dizer: esquecê-lo (sem esquecimento, não há vida possível) e despertar muitas vezes desse esquecimento. Muitas coisas, por associação. Inserem você em meu discurso. ‘Pensar em você’ não quer dizer nada mais do que esta metonímia. Pois, em si, esse pensamento é vazio: não o penso; simplesmente, faço-o retornar (na medida mesma em que o esqueço). É a esta forma (a este ritmo) que chamo ‘pensamento’; *nada tenho a dizer a você*, senão que este nada é a você que o digo.

O amante ou o “amoroso” seria presa dos cacos desse discurso que gira entre o *magoad*, narrando exaustivamente sobre a sua mágoa; o *intratável*, que afirma o seu amor contra tudo e todos; o *ausente*, que transforma a ausência temporária do objeto amado em provação de abandono; o *ciumento*, entre muitos outros, mas que se resumem a uma pergunta: o que o mundo, o que o outro vai fazer do meu desejo?

---

<sup>17</sup> Ver: MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. *D. Pedro II e a Condessa de Barral através da correspondência íntima do imperador, anotada e comentada*. São Paulo: Civilização brasileira, 1956.  
DEL PRIORE, Mary. *Condessa de Barral: a paixão do imperador*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

<sup>18</sup> BARTHES, Roland. *Fragments de um discurso amoroso*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

<sup>19</sup> GOETHE, Johan Wolfgang Von. *Os sofrimentos do Jovem Werther*. São Paulo: Estação liberdade, 1999.



ANEXO 4: Comunicação de Aceite do artigo: Reflexão sobre a escrita epistolar como fonte histórica a partir da contribuição da literatura, da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e Das Missões.

Frederico Westphalen, 08 de agosto de 2011.

**COMUNICAÇÃO DE ACEITE**

**Prezada Vanessa Gandra Dutra Martins.**

Vimos, pelo presente, com prazer informá-la que a submissão “Reflexão sobre a escrita epistolar como fonte histórica a partir da contribuição da literatura” foi aprovada e será publicada na Revista *Língua&Literatura*, v. 13, n. 20, com publicação prevista para agosto do corrente. Tão logo tivermos os exemplares em mãos você receberá duas cópias da revista pelo que solicitamos, desde agora, que nos envie o endereço para remessa.

Cordiais saudações,

**Franciele da Silva Nascimento**

Secretária

**Denise Almeida Silva**

**Ricardo A. Ferreira Maritns**

Organizadores

## **Reflexão sobre a escrita epistolar como fonte histórica a partir da contribuição da teoria da literatura**

### **Resumo**

Este artigo procura promover uma discussão sobre algumas fronteiras existentes entre história e literatura, especificamente sobre a escrita epistolar utilizada como fonte documental pela historiografia, sua abordagem e utilização que atualmente podem ser ampliadas sob a ótica das novas teorias literárias, enriquecendo significativamente a pesquisa histórica.

**Palavras-chave:** História. Teoria da Literatura. Escrita epistolar.

Com a crise de paradigmas, as antigas posturas que distanciavam a História da Literatura foram ultrapassadas, trazendo novas formas de acesso à compreensão da realidade. A historiografia literária vem recebendo influência do Desconstrutivismo, da Nova História, dos Estudos Culturais e Pós-Coloniais e permitindo que a linearidade tradicional, baseada na progressão e no evolucionismo, ofereça lugar a uma espécie de diálogo entre passado e presente. Além disso, as fronteiras rígidas entre os povos (representadas pela construção de nação) revelaram-se inconsistentes.

A História da Literatura não é mais o mero registro acumulativo de tudo o que se produziu, nem a simples compilação de temas ou formas, mas a reescritura constante de textos anteriores com o olhar do presente, inspirada na dialética designada por Fernand Braudel (1969). Neste sentido, a literatura representada pelo cânone deixa de ser a única fonte de interesse e o foco desvia-se para o significado que alguns fatos ou eventos tiveram para determinado grupo ou sociedade.

A queda do prestígio deste tipo de história da literatura coincide com a ruína do paradigma do historicismo, iniciada já em fins do século XIX e aprofundada no início do século XX. Alguns fatores, para SOUZA (2003), podem ser citados como decisivos na ruína dos antigos paradigmas: a definição do método fenomenológico na filosofia, seguida de suas aplicações no campo das ciências humanas; o surgimento do gestaltismo em psicologia; e o esboço do estruturalismo linguístico na obra de Saussure, em cujas teses fundamentais figura



não só a distinção entre sincronia e diacronia – em outros termos, entre história e sistema -, como também a concessão de primazia metodológica ao primeiro termo desta dicotomia. Ainda neste clima de ruína do paradigma historicista, Souza aponta duas ondas de contestação sucessivas e diferenciadas que precipitou a crise da história da literatura.

A primeira corresponde às três décadas iniciais do século XX, período no qual o campo dos estudos literários propiciou o surgimento de correntes cuja motivação básica era exatamente contestar os métodos e propósitos da história da literatura. Essas correntes confluíram para a constituição da disciplina novecentista que viria a chamar-se teoria da literatura, entre cujas proposições fundamentais se encontrava a denúncia do que passa então a ser considerado como a inconsistência básica da história da literatura em si mesma, ou sua condição histórica meramente externa da arte literária, interessada antes nas causas ou condicionamentos extrínsecos do seu objeto do que em sua dinâmica própria e exclusiva.

A segunda onda de contestação situa-se em meados dos anos 60 e define-se plenamente na década de 80 (do século vinte), tendo seus efeitos prolongados desde então. Esta corrente partiu de uma espécie de reconhecimento do papel central desempenhado pela linguagem em todos os aspectos das atividades humanas, o que contribuiu para que as ciências sociais passassem a entender os fatos como construções linguísticas, arranjos verbais e efeitos do discurso, e não coisas existentes em si mesmas.

Além das duas ondas de contestação citadas, SOUZA (2003) aponta projetos de revitalização ocorridos ao longo do século XX. O primeiro deles, nos anos 20, deve-se ao formalismo eslavo, que inicialmente investiu contra a história da literatura tradicional, partindo em seguida para uma transformação de seu conceito chave – linguagem literária como desautomatização de formas – no próprio princípio da dinâmica literária e da sua história, que concebeu não como tradição, mas como evolução definida sob a forma de substituição de sistemas.

Em seguida, no fim dos anos 60, a corrente de origem alemã, conhecida como Estética da Recepção ou do efeito investiu na restauração da dimensão histórica da literatura, propondo uma conciliação entre as reflexões marxista e formalista, mediante centramento numa instância que teria sido negligenciada por ambas aquelas reflexões: o fator público, ou a recepção, e o efeito da literatura no chamado horizonte de expectativa.

Por fim, o autor aponta o novo historicismo, emergente nos Estados Unidos, no início da década de 80. Também chamada de materialismo cultural, esta corrente propõe o acesso ao

passado como narração, em seus vestígios textuais; os períodos históricos como um jogo de forças contraditórias e em conflitos; a construção do passado a partir de interesses e situações do presente. Além disso, pretende levar em conta mais a textualidade da história e da literatura do que marcas essenciais capazes de estabelecer fronteiras nítidas entre os “grandes” textos “literários” e aqueles outros considerados “não – literários” e de interesse apenas documental.

Para PESAVENTO (2006), os estudos sobre o imaginário abriram uma janela para a recuperação das formas de ver, sentir e expressar o real dos tempos passados. Por se tratar de uma ‘atividade de espírito’ que ultrapassa as percepções sensíveis da realidade concreta, definindo e qualificando espaços, temporalidades, práticas e atores, o imaginário representa também o abstrato, o não-visto e não-experimentado. Configurando-se num elemento organizador do mundo, que dá coerência, legitimidade e identidade. É sistema de identificação, classificação e valorização do real, pautando condutas e inspirando ações. É, podemos dizer, um real *mais real* que o real *concreto*. Ele seria um sistema produtor de ideias e imagens, que suportaria as duas formas de apreensão da realidade, a racional e conceitual, que formaria o conhecimento científico, e a das sensibilidades e emoções, que correspondem ao conhecimento sensível.

Partindo do pressuposto que o real é construído também pelo olhar enquanto significado, seria o próprio olhar que permitiria que o mesmo seja visualizado, vivenciado e sentido de forma diferente, no tempo e no espaço. Por outro lado, qualquer historiador sabe que os imaginários são construções sociais e, portanto, históricas e datadas, que guardam as suas especificidades e assumem configurações e sentidos diferentes ao longo do tempo e através do espaço.

Como os seres humanos sempre expressaram o mundo do visto e do não visto, através de diferentes formas como a oralidade, a escrita, a imagem, a música, etc., a literatura pode ser um caminho bastante rico, que percorre o imaginário e permite um diálogo com a História. Mas para promover uma aproximação entre história e literatura é necessário um afastamento dos conceitos formados por Aristóteles na Poética (2003), de que a literatura seria um discurso privilegiado de acesso ao imaginário das diferentes épocas, o discurso sobre o que poderia ter acontecido, e a história seria a narrativa dos fatos verídicos do passado, além de assumir posturas epistemológicas que diluam fronteiras e que, « em parte », relativizem a dualidade verdade/ficção, real/não-real, ciência ou arte.

A história *também* é uma narrativa portadora de ficção, mas o historiador, ao contrário do escritor, não *cria* o traço no seu sentido absoluto, eles os descobre, os converte em fonte e lhes atribui significado. Em sua ficção controlada pelo uso dos arquivos e fontes o historiador objetiva atingir o real acontecido imposto pelos rigores do método – a testagem, comparação e cruzamento – e sua versão do passado deve, hipoteticamente, poder “comprovar-se” e ser submetida à testagem, pela exibição das fontes, bibliografia, citações e notas de rodapé. Assim como deve convidar o leitor a refazer o caminho da pesquisa se duvidar dos resultados apresentados. O texto, por sua vez, deve convencer o público leitor. O uso dos conceitos, das palavras, a construção de argumentos devem ser aceitos, colocando-se no lugar do ocorrido, em explicação satisfatória.

A utilização das cartas pessoais e íntimas pela historiografia, após a mencionada crise de paradigmas se constitui uma questão delicada na fronteira entre história e literatura. Se o historiador está preso às fontes, estas fontes também não são o acontecido, mas pistas ou rastros para chegar a este. Se são discursos, são representações discursivas sobre o que se passou; se são imagens, são também construções, gráficas ou pictóricas, por exemplo, sobre o real. Assim, os traços que chegam do passado possuem uma condição dúbia: de um lado, são restos, marcas de historicidade; de outro, são representações de algo que teve lugar no tempo. O que faz com que os historiadores necessitem de um constante exercício de aproximação e distanciamento entre história e literatura. E literatura contribui muito para o olhar particular do historiador diante da representação de algumas fontes.

Abordando especialmente a carta como fonte para a historiografia anterior à mudança de paradigmas, podemos lembrar que elas eram utilizadas como ‘provas’ do real, do passado acontecido, sem o menor questionamento, sem a mínima tentativa de diálogo com o aspecto literário que ela contém. Elas eram utilizadas como fontes documentais do ‘real’, como ‘prova’ de fundamentação hipotética. Em muitos casos a carta pode fornecer algumas informações que faltavam na tessitura do passado, em outros, ela não teria o poder de revelar ‘verdades ocultas’ por trás do véu das aparências por pertencer ao campo do imaginário, do discurso, da subjetividade. Se é fonte, é também um artefato literário e pode receber grande contribuição da literatura quando utilizada na reconstrução do passado por historiadores.

Para BAHKTIN (1992), a carta, com suas variadas formas, faz parte dos gêneros discursivos (como o relato familiar, o repertório bastante diversificado dos documentos

oficiais, em sua maioria padronizados, as declarações públicas, num sentido amplo, as sociais, as políticas, etc.) e é tão rica e diversa quanto às possibilidades da atividade humana são inesgotáveis.

Como BAHKTIN (1992) classifica o gênero discursivo em *primário* (simples) que seria constituído em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea, e *secundário* (complexo) constituído pelo romance, teatro, discurso científico, discurso ideológico, etc. Camargo ampliou as perspectivas sugerindo que esta pode ser pensada como um gênero secundário porque, ao ser *escrita*, perde seu caráter de comunicação espontânea que constitui o gênero primário. Como escrita, perde em expressão gestual e interativa e ganha na sua capacidade de autonomia e distanciamento.

A carta demanda um distanciamento entre os interlocutores, que é espacial e temporal, e demanda ao mesmo tempo um distanciamento entre o autor e os acontecimentos a que a carta remete. Como *escrita*, sempre é um “sucesso”, um acontecimento que remete a outros acontecimentos sobre os quais reflete. Na carta, realizam-se projetos de dizer. Mas as cartas podem ser pensadas como gênero primário ao se constituírem em matéria-prima para um romance. O ato de escrever cartas pessoais/íntimas consiste, segundo CUNHA (2002) em:

*Confrontar-se com códigos estabelecidos e, a partir deles, inventar/construir um lugar para si, através das palavras. Trocar cartas corresponder - se, escrever para alguém são formas de se expor, de compartilhar experiências, construir elos invisíveis e, muitas vezes, duradouros. A carta como uma prática de escrita, tanto fala de quem a escreve como revela sempre algo sobre quem a recebe, anunciando a intensidade do relacionamento entre os envolvidos, pois nunca se escreve senão para viver, a fim de fazer frente a uma situação, para explicar, justificar-se, informar, dirigir-se a, apelar, queixar-se, sofrer menos, fazer-se amar, dar-se prazer.*  
(CUNHA, 2002, p. 188)

A carta é como uma exposição mútua através do ato de escrever, onde é possível fazer aparecer o seu próprio rosto perto do outro, como aponta Foucault, e de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dito sobre si mesmo. É também uma narrativa de si e narrativa da relação consigo mesmo. Nela é possível destacar, segundo FOUCAULT (1983), alguns elementos estratégicos: as interferências da alma e do corpo (as impressões mais do que as ações), as atividades do lazer (mais do que os acontecimentos exteriores) e o corpo e os dias.

As notícias da saúde fazem tradicionalmente parte da correspondência e ao poucos adquirem a dimensão de uma descrição detalhada das sensações corpóreas, das impressões de mal - estar, das diversas perturbações que se experimentou. Outras vezes se trata de relembrar os efeitos do corpo sobre a alma. A ação exercida pela alma em retorno, ou a cura do corpo pelos cuidados prestados à alma.

A carta é também uma maneira de se apresentar ao correspondente no decorrer da sua vida cotidiana. Relatar o seu dia e não por causa da importância dos acontecimentos, mas justamente na medida em que eles nada têm para deixar de ser igual a todos os outros, atestando assim, a qualidade de um modo de ser. É como “viver sob o olhar de outrem sem nada ter a esconder”. Quando a carta faz a narrativa de um dia vulgar, nela evoca o muito útil hábito de “passar em revista o seu dia”, é o *exame de consciência* aos moldes dos pitagóricos, epicuristas e estóicos. Um exercício mental de memorização com o objetivo de se constituir como inspetor de si mesmo e avaliar as faltas comuns e reativar as regras de comportamento que é preciso ter sempre no espírito. Todo o conjunto de sutis informações sobre o corpo, a saúde, as sensações físicas, o regime e os sentimentos mostram a extrema acuidade de uma atenção vivamente concentrada em si próprio.

A carta, não raramente, pode ser enviada para auxiliar o seu correspondente para aconselhá-lo, exortá-lo, admoestá-lo, consolá-lo. O exercício de escrita desse tipo de texto constitui também uma maneira de se treinar: tal como os soldados se exercitam no manejo das armas em tempo de paz, também os conselhos que são dados aos outros na medida da urgência da sua situação constituiriam uma maneira de se preparar a si próprio para eventualidade semelhante.

Enfim, através da correspondência o indivíduo acaba por criar também uma literatura de si, e essa literatura é tão transgressiva como aquela que objetiva transpor os limites da linguagem, pois se trata de reinventar a si mesmo e de transpor o limite do que somos.

Dessa forma, ao tentar construir um texto que esboce a si mesmo, relate os aspectos escolhidos de seu cotidiano, expresse impressões sobre a alma, o corpo, o lazer, demonstre um “eu como tarefa a ser realizada” (pois não se trata de um personagem pronto, mas em permanente construção), o indivíduo cria, do ponto de vista estético, um eu “versátil que se constitui como ficção.

Assim, a partir do momento que o historiador faz uma pergunta para a ‘fonte’ carta, estabelece-se um diálogo no jogo transdisciplinar e interdiscursivo das formas de

conhecimento sobre o mundo, no caso, história e literatura. Mas não se pode esquecer que os discursos literário e histórico são formas diferentes de dizer o real. Ambos são representações construídas sobre o mundo e que traduzem, ambos, sentidos e significados inscritos no tempo. Entretanto, as narrativas histórica e a literária guardam com a realidade distintos níveis de aproximação

Quando a literatura pode ser utilizada como fonte histórica, o texto literário atinge a dimensão da “verdade do simbólico”, que se expressa de forma cifrada e, oferecendo ao historiador acesso especial ao imaginário, permitindo-lhe enxergar traços e pistas que outras fontes não lhe dariam. Isto implicaria não mais buscar o fato em si, o documento entendido na sua dimensão tradicional, na sua concretude de “real acontecido”, mas de resgatar possibilidades verossímeis que expressam como as pessoas agiam, pensavam, o que temiam, o que desejavam. O texto literário revela e insinua as verdades da representação ou do simbólico através de fatos criados pela ficção.

No caso da carta é importante relativizar, pois sua postura de texto literário, de criação e narração de si, de imaginário, também configura uma expressão ou sintoma de pensar e agir. Conforme PESAVENTO (2006), *os tais fatos narrados não se apresentam como dados acontecidos*, mas como possibilidades, como posturas de comportamento e sensibilidade, dotadas de credibilidade e significância. Um pouco mais delicado é o trato com a carta de amor que por si já ocupa um espaço saturado de sexualidade e ambiguidades.

Muitas vezes para que a leitura da carta de amor tenha uma visibilidade diferente da “fonte documental fechada” a concepção de BARTHES (2003) sobre o discurso amoroso pode apontar um novo e interessante caminho. Ele adverte sobre a não redução do amante a um simples sujeito sintomal e procura ouvir, no mesmo, o que há em sua voz de inatual, quer dizer, de intratável. Ele substituiu a descrição do discurso amoroso por sua simulação e devolveu a ele sua pessoa fundamental, que é o *eu*, a fim de pôr em cena uma enunciação, não uma análise. Daí emerge um perfil, que está sendo proposto, que não é psicológico, mas estrutural porque oferece à leitura um lugar de palavra, o lugar de alguém que fala em si mesmo, amorosamente, em face do outro (o objeto amado), que não fala.

Para BARTHES (2003), o discurso amoroso é de uma extrema solidão. Apesar de ser falado por milhares de sujeitos, não é sustentado por ninguém, sendo completamente relegado pelas linguagens existentes, ignorado, depreciado, zombado e excluído não apenas do poder, mas também de seus mecanismos, como a ciência, a arte e os saberes. E nos lembra que, “quando um discurso é assim lançado por sua própria força na deriva do inatural, deportado para fora de toda gregariedade, nada mais lhe resta além de ser o lugar, por exíguo que seja, de uma afirmação”.

O conceito *Dis-cursus*, segundo BARTHES (2003), é originalmente, ação de correr de cá para lá; são idas e vindas, “caminhos”, “intrigas”. O amante não para de correr dentro da própria cabeça, de encetar novos caminhos e de intrigar contra si mesmo. Seu discurso existe unicamente por ondas de linguagem, que lhe vêm ao sabor de circunstâncias ínfimas, aleatórias.

BARTHES (2003) entende a *carta de amor* como um corpo apanhado em ação, com uma dialética particular, ao mesmo tempo vazia (codificada) e expressiva (carregada da vontade de significar o desejo). E capta a estrutura ou a dinâmica da carta de amor a partir das cartas escritas pelo jovem Werther, o personagem de Goethe, ao mesmo tempo em que faz uma analogia com o pensamento de Freud.

Quando Werther (em exercício junto ao embaixador) escreve a Charlotte, sua carta obedece ao seguinte plano: 1. Que alegria pensar em você! 2. Encontro-me aqui num meio mundano, e, sem você, sinto-me sozinho; 3. Encontrei alguém (a senhorita B...) que se parece com você e com quem posso falar de você; 4. Faço votos de que nos possamos reunir. – Uma única informação é variada, ao modo de um tema musical: *penso em você*. Que quer dizer isto, ‘pensar em alguém’? Quer dizer: esquecê-lo (sem esquecimento, não há vida possível) e despertar muitas vezes desse esquecimento. Muitas coisas, por associação inserem você em meu discurso. ‘Pensar em você’ não quer dizer nada mais do que esta metonímia. Pois, em si,

esse pensamento é vazio: não o penso; simplesmente, faço-o retornar (na medida mesma em que o esqueço). É a esta forma (a este ritmo) que chamo ‘pensamento’; *nada tenho a dizer a você*, senão que este nada é a você que o digo.

Esses fragmentos ou cacos de discurso podem ser chamados de *figuras*. E esta palavra deve ser entendida ginástico ou coreográfico, no sentido grego, como um gesto do corpo apanhado em ação e não contemplado em repouso. É como se fosse aquilo que é possível imobilizar do corpo tenso. Assim, diz BARTHES (2003), o amante é presa de suas figuras: ele se entrega a um esporte meio louco, esfalfa-se, como o atleta; fraseia, como o orador; é apanhado, siderado num papel, como uma estátua. A figura é o amante em ação.

Para ele, completamente diverso da história de amor (a aventura “real”) é o solilóquio, o “a parte” que acompanha essa história, sem jamais conhecê-la. Nesse caso, ao tentar perseguir apenas a “realidade” a partir do discurso amoroso contido na carta, o historiador afasta-se instantaneamente da concepção de Barthes, não consegue apreender a história de amor e perde a riqueza do discurso solitário do imaginário do sujeito carregado da vontade de significar o desejo em uma dialética totalmente particular.

Para nós historiadores poderia ser um exercício extremamente proveitoso, principalmente àqueles que utilizam cartas íntimas na construção de biografias históricas dialogar com as teorias de Bakhtin, Barthes, Foucault e tantos outros, no sentido de não nos prendermos tanto a ideia de associá-las apenas a uma fonte histórica “fechada” expandindo um pouco o seu significado como obra literária de um sujeito criado por ele mesmo. E ao mesmo tempo tentar perceber os movimentos e relações entre a obra (carta), o acontecimento histórico e a biografia do artista (o escritor da carta), que ora se colam e expressam vivências e ora se descolam e expressam o imaginário.



### Abstract

This paper seeks to promote a discussion of some existing boundaries between history and literature, specifically on the epistolary writing used as source material for history, his approach and use that can now be expanded from the perspective of the new literary theories, significantly enriching the historical research.

**Keywords:** History. Literature. Epistolary writing.

### Referências

ARISTÓTELES. *Arte e Poética*. São Paulo : Editora Martin Claret. 2003.

BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRAUDEL. Fernand. *Écris pour l'Histoire*. Paris: Flammarion, 1969.

CAMARGO, M. R. M. Escreva-me urgente...Um estudo dos elos comunicativos na carta. In: Bastos, M. H. C./CUNHA, M. T. S./MIGNOT, A C. V. (org.) *Destino das letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002.

CUNHA, Maria Teresa Santos. “Por hoje é só”...Cartas entre amigas. In: BASTOS, M. H. C./CUNHA, M.T.S./MIGNOT, M.C.V. (org.) *Destinos das letras – história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002.

FOUCAULT. Michel. *Ditos e escritos*. São Paulo: Forense Universitária, 1983.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma velha-nova história. *Nuevos Mundos, Mundos Nuevos. Debates*, 2006. Disponível em : [HTTP://nuevosmundo.revues.org/1560](http://nuevosmundo.revues.org/1560). Acesso em 10 de maio de 2011.

SOUZA, Roberto Acízelo de. A idéia de história da literatura: constituições e crises. In: MOREIRA, Maria Eunice. *Histórias da literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003, p. 141- 156.

ANEXO 5: Declaração de participação no Projeto Portal Catarina Elaboração e continuidade do projeto Portal Catarina, Acervos Digitais, [WWW.portalcatarina.ufsc.br](http://WWW.portalcatarina.ufsc.br). Um dos projetos PRONEX, da UFSC, Programa Núcleos de Excelência, aprovado pelo CNPq e FAPESC, para ser executado nos anos 2012.2013 coordenado pelo Prof. Dr. Alckmar Luiz dos Santos; de participação do Grupo de História e Memória, nuLIME na digitalização, catalogação, organização e digitalização do acervo da poeta catarinense Maura de Senna Pereira e participação em atividades referentes ou organizadas na UFSC pelo Instituto de Estudos de Gênero (IEG) e à linha de pesquisa Mulher e Literatura, da ANPOLL.



## DECLARAÇÃO

Declaro, para os devidos fins, como supervisora dos projetos e das atividades em que **Dra. Vanessa Dutra Martins** em seu estágio pós-doutoral na UFSC, CAPES REUNI:

que a mesma fez parte da elaboração do livro Estudos Literários IV, *Literatura e outras linguagens*, organizado pelas professoras doutoras Tânia Regina Oliveira Ramos e Gizelle Kaminski Corso, no tópico referente a formas da memória, no que se refere a teoria da correspondência;

que fez parte da elaboração da continuidade do projeto Portal Catarina, Acervos Digitais [WWW.portalcatarina.ufsc.br](http://WWW.portalcatarina.ufsc.br), um dos projetos PRONEX, da UFSC, Programa Núcleos de Excelência, aprovado pelo CNPq e FAPESC para ser executado nos anos 2012.2013. coordenado pelo Prof. Dr. Alckmar Luiz dos Santos;

que faz parte do nuLIME núcleo Literatura e Memória que, parte do Projeto PRONEX, 2009-2011, catalogou, recuperou, digitalizou, organizou o acervo da intelectual catarinense Maura de Senna Pereira [WWW.portalcatarina.ufsc.br](http://WWW.portalcatarina.ufsc.br);

que fez parte das atividades referentes ou organizadas na UFSC pelo Instituto Estudos de Gênero (IEG) e à linha de pesquisa Mulher e Literatura, da ANPOLL.

Florianópolis, 09 de novembro de 2011.

  
Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos  
**Tânia Regina O. Ramos**  
nuLIME - LLV - CCE - UFSC